



MEMÓRIAS DE
São
Francisco
de Paula



As Memórias de São Chico

O que você tem nas mãos é um convite para sentar perto do fogo e ouvir histórias. É também o resultado de um projeto cultural que começou lá em 2019 e conseguiu se concretizar em 2020. E isso não é pouco. No ano em que o mundo parou por conta da pandemia de coronavírus, a valorosa equipe do “Memórias de São Francisco de Paula” superou as dificuldades e apresenta nesta edição uma abordagem especial sobre bens patrimoniais de São Chico, município que está a 900 metros de altitude, nos Campos de Cima da Serra do Rio Grande do Sul.

Nossa principal motivação foi a questão: De que serve um bem patrimonial para uma cidade se seus moradores e visitantes mal o reconhecem com tal? Pensamos que se esse bem não for capaz de inspirar lembranças, de fazer contar e ouvir histórias, de emocionar, então a sua preservação pode estar ameaçada.

Para ressignificar e proteger o patrimônio de São Francisco de Paula, decidimos puxar cadeiras e sentar para conversar em uma série de Rodas de Memória. Tudo começa no antigo Cinema de Cazuza Ferreira, passa pelo Hotel Cavalinho Branco e se encerra no centenário prédio do Colégio Estadual José de Alencar.

A história de cada um desses lugares está contada aqui por pessoas que viveram e vivem nos locais. São expressões pessoais, lembranças e emoções. Os historiadores e arquitetos que estão construindo o Inventário Cultural da cidade também se juntam nesta edição com informações preciosas que constarão do documento ainda inédito. Dos encontros, também resultaram três vídeos e a versão online deste livro. Diferentes formas de acesso para que todos possam se ver existindo.

Lúcia Pires

Jornalista, chefe do Departamento da Cultura
Secretaria de Turismo, Cultura e Desporto
de São Francisco de Paula

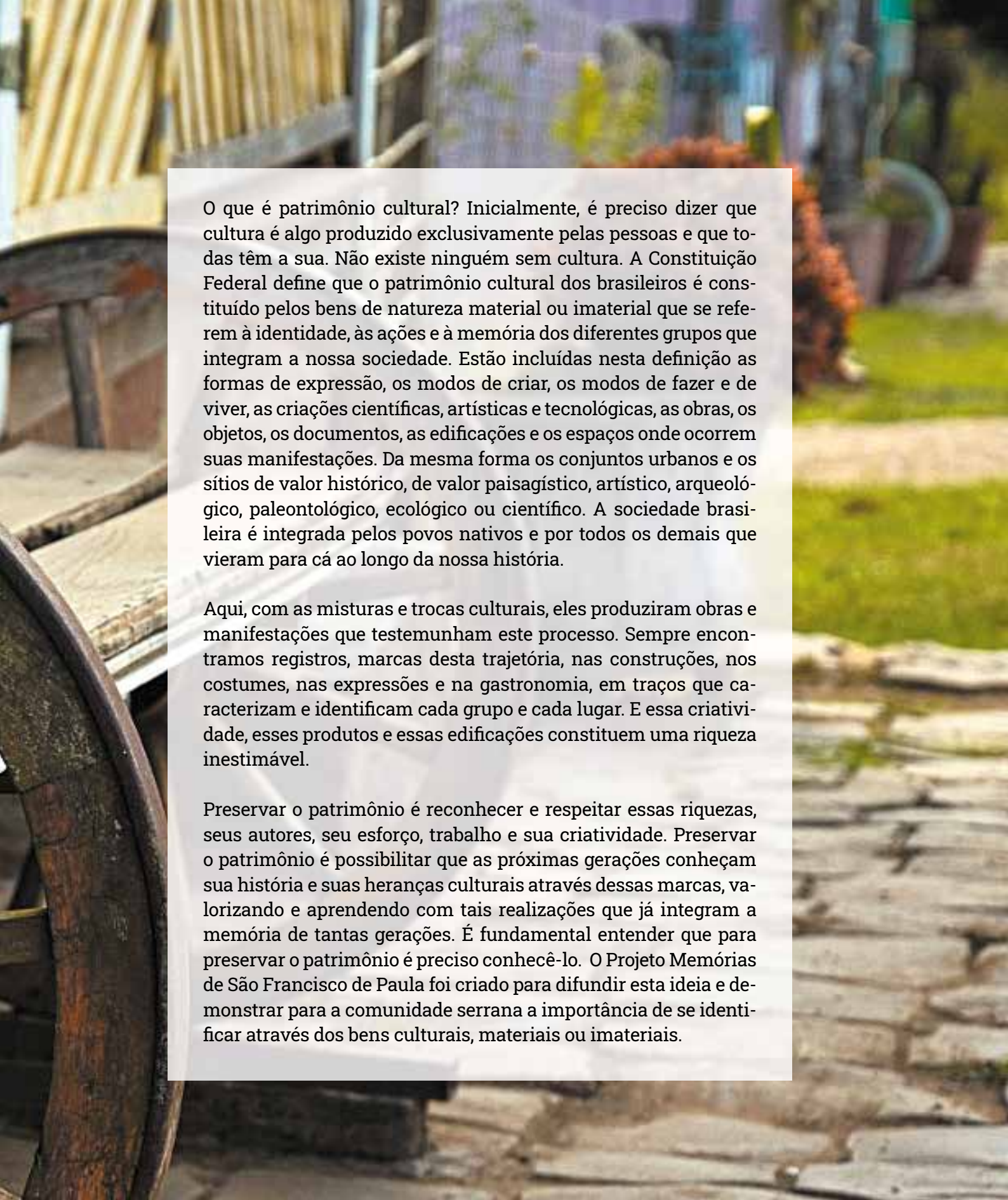
MEMÓRIAS DE
São
Francisco
de Paula

São Chico, 2020



Patrimônio Cultural

Por Luiz Antônio Custódio
Arquiteto



O que é patrimônio cultural? Inicialmente, é preciso dizer que cultura é algo produzido exclusivamente pelas pessoas e que todas têm a sua. Não existe ninguém sem cultura. A Constituição Federal define que o patrimônio cultural dos brasileiros é constituído pelos bens de natureza material ou imaterial que se referem à identidade, às ações e à memória dos diferentes grupos que integram a nossa sociedade. Estão incluídas nesta definição as formas de expressão, os modos de criar, os modos de fazer e de viver, as criações científicas, artísticas e tecnológicas, as obras, os objetos, os documentos, as edificações e os espaços onde ocorrem suas manifestações. Da mesma forma os conjuntos urbanos e os sítios de valor histórico, de valor paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico ou científico. A sociedade brasileira é integrada pelos povos nativos e por todos os demais que vieram para cá ao longo da nossa história.

Aqui, com as misturas e trocas culturais, eles produziram obras e manifestações que testemunham este processo. Sempre encontramos registros, marcas desta trajetória, nas construções, nos costumes, nas expressões e na gastronomia, em traços que caracterizam e identificam cada grupo e cada lugar. E essa criatividade, esses produtos e essas edificações constituem uma riqueza inestimável.

Preservar o patrimônio é reconhecer e respeitar essas riquezas, seus autores, seu esforço, trabalho e sua criatividade. Preservar o patrimônio é possibilitar que as próximas gerações conheçam sua história e suas heranças culturais através dessas marcas, valorizando e aprendendo com tais realizações que já integram a memória de tantas gerações. É fundamental entender que para preservar o patrimônio é preciso conhecê-lo. O Projeto Memórias de São Francisco de Paula foi criado para difundir esta ideia e demonstrar para a comunidade serrana a importância de se identificar através dos bens culturais, materiais ou imateriais.

Pluralidade de Narrativas no Projeto Memórias de São Francisco de Paula

Por Luciano Alfonso
Jornalista

A partir da construção do inventário do patrimônio histórico-cultural do município de São Francisco de Paula, na serra gaúcha, é que surge a ideia de registrar alguns destes bens também por meio de depoimentos de pessoas da comunidade com foco no binômio patrimônio cultural e educação patrimonial. Optamos, assim, pela realização de Rodas de Memória, que resultaram ainda em mini documentários, além deste livro. Assim, nasce o projeto Memórias de São Francisco de Paula.

Para falar desta iniciativa precisamos antes abordar a questão do patrimônio cultural no Brasil que remonta ao final dos anos 1930, quando surge o serviço, hoje Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN]. Mais de 80 anos depois dessa iniciativa governamental, questões envolvendo a compreensão do que é preservação e identidade nacionais ampliaram-se enormemente. Hoje, preservar não significa apenas o que é físico. Envolve costumes, hábitos, práticas, valores e até mesmo paisagens. Assim, perceber e incluir o potencial de pluralidade de narrativas de pessoas comuns deve ser acolhido num cruzamento envolvendo patrimônio cultural e história pública.

Mas como trabalhar a questão patrimonial quando se quer aproximá-la da educação? Não se trata de um caminho fácil, pois é necessário se apropriar de conceitos nem sempre presentes na vida de cada um. Há que se saber o que é conhecimento do patrimônio, seu papel e que lugar a educação ocupa junto a este tema. Há que se entender, inclusive politicamente, sentidos e significados de lugares, edificações, memórias, falas, práticas etc.

A partir deste universo amplo e complexo, buscamos a história oral como um meio de conhecimento dentro de um conceito maior que é o inventário do patrimônio do município. Quando usamos os depoimentos orais, como se dá no caso do projeto Memórias de São Francisco de Paula, há de se entender a história de cada um como complementar aos arquivos escritos na formatação de uma determinada realidade. As fontes orais nos trazem informações valiosas, carregadas de símbolos e representações singulares, assim como dá voz às pessoas que, na maioria das vezes, não são chamadas para relatar seu olhar sobre as mais diversas questões.

A escolha dos entrevistados é fator importante para uma efetiva contribuição na pesquisa que se está empreendendo. Desta forma, fomos buscar depoimentos que possibilitaram uma visão histórica dos bens. Pessoas da comunidade que viveram e vivem no local, pessoas que pesquisaram o tema e conhecem a região, testemunhas de um momento cultural rico, como o panorama no antigo cinema Serrano, no interior do município.

O projeto apontou também outros dois bens muito conhecidos da população: o complexo Hotel Cavalinho Branco e Lago São Bernardo e, ainda, a Escola Estadual José de Alencar. Espaços que fizeram e fazem parte da memória coletiva.


Nos encontros, os convidados puderam falar do que viveram e sentiram nesses espaços. A comunidade também pode participar também como plateia ou enviando colaborações de forma online. Houve ainda o que chamamos de Visita Guiada, onde um guia apresenta alguns aspectos daquele bem patrimonial, para ajudar a memória.

Os dois processos - Rodas de Memórias e Visitas Guiadas - foram antecedidos de entrevistas prévias de forma espontânea, porém com um foco, ou seja, a equipe conduz a conversa, como apoio às Rodas, estabelece uma sequência de entrevistas finais com perguntas abertas, mas encadeadas para estruturar um pensamento coerente sobre o tema abordado em cada edição. E aqui está parte do resultado. Também QRCodes podem levar o leitor aos documentários em vídeo.

Com foco no patrimônio e no recurso da história oral, nosso objetivo foi tornar os bens culturais de São Francisco de Paula mais evidentes e palpáveis aos que vivem ou admiram de alguma forma a cidade e suas peculiaridades. Acreditamos também que elencando pessoas e lugares que fazem a história cotidiana do município enaltecemos e apoiamos a educação patrimonial da comunidade em geral. Uma espécie de mobilização da herança cultural pela via da memória coletiva.

Espécie ameaçada: a imponente araucária é de grande importância alimentar para a fauna nativa. Sua semente [o pinhão] é apreciada e impacta a memória afetiva e a economia local.



A photograph of a window with a black lace curtain. The curtain is pulled back, revealing a bright, sandy area outside. The window frame is dark, and the view is bright and somewhat washed out. The lace curtain has a scalloped edge and a repeating pattern of small squares.

Hotel do Campo:
da janela do
antigo prédio,
os hóspedes
podem ver a
praça central de
Cazuza Ferreira,
desde 1949.

PARTE UM

Cazuza Ferreira: o sonho na tela do Cine Serrano

página 12

Rota do Patrimônio : a primeira parada

página 16

Terra da madeira e das Cavalhadas

página 24

Arquitetura em araucária

página 26

Os guardiões do Cine Serrano

página 28

PARTE DOIS

Cavalinho Branco e Lago São Bernardo: uma dupla imbatível

página 30

Rota do Patrimônio: a segunda parada

página 34

Arquitetura: o valor das fachadas

página 38

Beleza cênica e ambiental

página 40

PARTE TRÊS

Colégio José de Alencar - 100 anos de história

página 44

A origem na Escola Normal

página 46

O não ser do Ceja

página 49

Rota do Patrimônio: a terceira parada

página 52

O olhar da arquitetura sobre o Colégio

página 58

Preservação do Patrimônio Cultural e Inventários Culturais

página 62

Caminhos feitos de pedra

página 66

Das riquezas da educação patrimonial

página 68

Glossário

página 72

Cazuza Ferreira: o sonho na tela do Cine Serrano

Por **Lúcia Pires**
Jornalista

Homem sonhador e empreendedor, Antônio Machado Basso deixou Ana Rech para se estabelecer em Cazuza Ferreira nos anos 1940. Ao lado da mulher e das filhas, construiu um hotel na localidade, que inaugurou em 1º de abril de 1949. Inicialmente, foi chamado de Hotel Avenida. Antônio era um grande entusiasta do Cinema e ergueu nos fundos do casarão de madeira um pavilhão destinado a sessões cinematográficas. O Cine Serrano, como ficou conhecido, tinha capacidade para 120 espectadores. A maior parte do público era de trabalhadores das serrarias que exploravam a madeira na região. As sessões, sempre lotadas, eram noturnas e aos finais de semana.

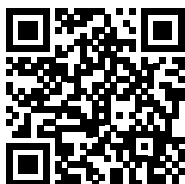
Na época, os clubes sociais no município de São Francisco de Paula não aceitavam pessoas negras. O Cine Serrano foi um dos primeiros espaços culturais da região a permitir a entrada de todos, não importava a cor da pele do espectador. Para escolher os filmes, Antônio consultava o público. A preferência era por banguê-banguê e comédias, e os filmes de Mazzaropi eram os mais solicitados.





Rota do Patrimônio: a primeira parada

Na tarde escaldante de 14 de março de 2020, o Projeto Memórias chegou a Cazuza Ferreira, distante 90 km da sede do município. A movimentação atraiu a comunidade e levou para dentro do antigo Cine Serrano um público curioso, vindo da vizinhança, da área central, de Porto Alegre e até da vizinha Caxias do Sul. O lugar foi preparado como se fosse receber uma das antigas sessões de cinema produzida por Antônio Basso. As mesmas cadeiras foram arrumadas no salão. O antigo projetor, os ingressos antigos, os cartazes da época. Teve até uma projeção, o trailer do filme "O Menino que Plantava Árvores de Natal", de Paulo Alécio. Tudo para reviver o clima da época. Foi assim que a família, amigos e pesquisadores falaram sobre o Cine Serrano na primeira Roda de Memória do projeto. Acompanhe os depoimentos.



Assista ao episódio 1 do projeto Memórias de São Francisco de Paula





Elmo Rossi, 81 anos
Morador de Cazuza Ferreira, é dono da Ferraria da localidade, estabelecimento aberto desde 1932 na praça central. Foi um grande amigo e incentivador de Antônio Basso e frequentador assíduo das sessões do Cine Serrano.



Nasci e me criei em Cazuza Ferreira. Sou conhecido de quase todos. Quando seu Antônio veio para Cazuza, comprou a esquina e se estabeleceu. Com o decorrer dos anos – era um homem muito criativo – fez o hotel, fez o cinema e começou a promover alguma coisa. A gente já era freguês de caderno do seu Antônio. Eu desde o dia em que ele se estabeleceu em Cazuza até a hora em que nos separamos com a morte dele. Íamos ao cinema praticamente todos os fins de semana. Ele era muito popular. Acolhia todos da melhor maneira e íamos vivendo daquele jeito. A Iró era a “cozadeira” do cinema. Quando botou o hotel aqui não existia rádio, só a bateria. Era raro o que tinha. Ele colocou rádio a bateria no patamar em cima do hotel,

que era para todo mundo ouvir as notícias. Tinha o programa do Walter Broda, a “Banca do Sapateiro”. Vinha todo mundo ouvir porque era um programa bonito.

Quando o Antônio apareceu em Cazuza eu era ferreiro, como sou até hoje. E ele quando precisava de um serviço me procurava. Ficamos muito amigos. Nós pressionávamos para ele trazer filmes cômicos, Mazzaropi e outros. O cinema lotava. Uma sessão nos finais de semana. Nós vínhamos para assistir. Ele morava praticamente no hotel. Foi presidente da Cooperativa da Luz. Nós tentamos pegar um sinal de TV em uma repetidora. Jogávamos futebol juntos.

Seu Antônio era um homem progressista; mudou a vida das pessoas quando apareceu o cinema, uma distração para o povo.

Tinham aonde ir. Vinham, colaboravam com ele. Não tinha outra coisa, iam para o cinema. E era bom. Faz parte do estudo, da vida do sujeito, que vai pegando jeito com o cinema. É instrutivo. O cinema sempre teve um diferencial. Ele não cobrava. Quando dava para furar a

fila, nós furávamos. Mas o preço era social. Dava para pagar. Não era um absurdo. Ele tinha dificuldades às vezes de conseguir os filmes. E nos falava. De certo, não era sempre que podiam ceder porque alugavam para outros. Tudo é dificuldade que tinha em Cazuza. Quando fechou, continuamos nos reunindo no cinema. E ainda hoje é um ponto da gente se encontrar. Já não tem mais e faz falta. Era uma coisa a mais que a gente tinha para assistir. E a gente estava sempre junto com o seu Antônio.”



Grasiela Picoloto de Barros, 39 anos
Com raízes familiares em Cazuza Ferreira, Grasiela mora em Caxias do Sul e escolheu o Cine Serrano como tema para a sua graduação em Licenciatura em História. O trabalho “As Metamorfoses do Hotel Avenida” foi defendido em 2001, na Universidade de Caxias do Sul.



É muito importante a valorização da memória, da história oral. Não se vê muito isso acontecendo,

principalmente no interior. E aqui a família, todos estão disponíveis para levantar e valorizar essas memórias. Eu estudava na Universidade de Caxias do Sul e havia muitos trabalhos relacionados à imigração italiana. Pensei que não podia fazer mais um trabalho sobre o tema. Eu queria outro viés. Então, convenci a Neiva, minha colega, a fazer um trabalho em Cazuza Ferreira, no Hotel Avenida. Ela era de Antônio Prado, de raízes bem italianas. Fiz a proposta para a Loraine Slomp Giron, professora coordenadora do trabalho, e fomos.

Primeiro realizamos um estudo bibliográfico sobre São Francisco de Paula e Cazuza Ferreira porque seria importante mostrar o objetivo do estudo. Fizemos a parte bibliográfica na Universidade, com alguns relatos da minha família, porque somos de Cazuza.

Com a história oral e a revisão bibliográfica, faltava a principal parte: Ir atrás da história do hotel, conversar com o pessoal e saber como tudo começou e como está hoje. Além de procurar a história do município, de Cazuza, vivenciar um pouco de como era. Não posso falar de experiências, mas de relatos da família

sim. Minha mãe ainda não morava em Cazuzu e meu pai nunca falou muito das sessões de cinema, até porque morava afastado da vila.

Fomos para Cazuzu, eu e minha colega.

O seu Antônio era vivo e conversamos com a dona Ironi. Ela foi minha professora. Temos esse laço. Falamos sobre o hotel, sobre as dificuldades de lançar um empreendimento lá, bem no auge do movimento das serrarias - o lucro, a questão dos auxiliares no hotel, as coisas fluindo. Com o fim das serrarias, porque não se podia mais fazer o corte das araucárias, as pessoas foram se afastando. Pouca gente no hotel. O cinema já sem tantos adeptos.

As estradas ruins, nem os viajantes conseguiam passar e já não ficavam no hotel.

Dona Iró me deu um bloquinho de entradas para o cinema. Fizemos um relato sobre o hotel através da história oral e de fragmentos de documentos dos quais tiramos foto para montar o trabalho. Tínhamos que focar em um ponto e o hotel era/é uma construção imponente, que tinha até mais andares. As fotos mostravam isso.

Pensei nessas transformações, na transição econômica do distrito e da população em geral, tanto que o trabalho se chama "As Metamorfoses do Hotel Avenida".

Falar de Cazuzu e de elementos da região é misturar nossas memórias da infância, de ter morado lá para estudar, lembrar que subíamos no balcão para ver o que tinha do outro lado, do hotel como uma referência pessoal. Meu pai tem um amor muito grande por Cazuzu, são nossas raízes. As pessoas da comunidade nos ajudaram. E chamou minha atenção a transformação física e a manutenção do ambiente, aquele salão, as máquinas, os rolos de filmes, os bloquinhos das entradas, a conservação desses elementos para a gente resgatar. Seu Antônio não chegou a contar muitas histórias. Pontuava algumas. Mas dona Ironi nos contou o que aconteceu. E confirmava com ele. Não é, pai? Nunca pensei que este trabalho poderia ter relevância, mas tudo retornou quando o Batista escreveu o livro e vi nosso trabalho na bibliografia. Fiquei feliz com o retorno através deste projeto. Falar

sobre isso, retomar o trabalho da faculdade, é um resgate muito interessante.

As pessoas do interior tendo a oportunidade de sair, estudar e retomar suas histórias, dar valor, ver o empenho da comunidade, da Prefeitura e do Estado financiando valoriza o município e estimula a visitação. Os professores de São Francisco de Paula podem mostrar o Projeto nas escolas, despertar a curiosidade dos alunos, estimular o turismo rural, reabrir caminhos e aumentar a hospedagem no velho cinema. Este retorno é muito importante. .”



Iró Beatriz Basso Gomes, 72 anos

Filha mais velha do proprietário do Hotel e Cinema de Cazuzu Ferreira, Antônio Batista Basso, Iró ajudava o pai nas atividades do espaço cultural e no atendimento ao público do Cine Serrano. Sempre viveu em Cazuzu. É trabalhadora dos Correios e Telégrafos.



Parabenizo e agradeço quem teve a ideia e oportunizou estarmos aqui reunidos, lembrando a memória

do nosso pai. Quando me perguntam como eu imagino hoje que o pai fosse criar um cinema em Cazuzu, como teve a ideia, eu penso e repenso. Ele veio de Ana Rech, onde trabalhou muito tempo em um hotel da família. Acredito que o convívio, o relacionamento do pai com quem estava lá, trouxe essa ideia. O pai sempre gostou de cinema. Em Cazuzu, tinha hotel e comércio juntos e íamos para Caxias do Sul, de ônibus, fazer as compras. Íamos num dia e voltávamos no outro. Acho que o pai gostava de ficar para a gente ir ao cinema. Em São Francisco de Paula e em Canela também íamos ao cinema. E foi por gostar, ou por criatividade, que ele resolveu fazer o cinema em Cazuzu. Primeiro, comprou madeira em uma serraria próxima, no Mato Queimado. Francisco Balardin era o proprietário. E quando traziam, descarregavam ao lado. O pai era muito exigente. Queria madeira de primeira, tanto para o assoalho, o frontal, parede, guias, barrote. Mas para forrar, queria madeira com nó.

E os camarotes? Como arredondar a madeira? Eu lembro que nós tínhamos tonéis para fazer banha e ferver a água, mas não dava. Era cortado ao meio.

Então, eles ferviam num tonel grande que vinha com gasolina na época. Colocavam parte da madeira dentro, ela ficava flexível e eles moldavam como está hoje. Os construtores eram um senhor chamado Miro Carpinteiro, nome Waldomiro, seus filhos e talvez outras pessoas pela grandiosidade que era na época. Sobre o projeto, lembro do pai emendar folhas no balcão, papel de embrulho, colava para fazer os desenhos. Junto com Alziro Alves, também carpinteiro, pessoa muito adiantada. Por que será que o pai fez isso? Seria para o lazer? Será que ele pensou naquele tempo que cinema era cultura? Acho que já naquela época ele pensou nisso.

Os frequentadores do cinema vinham das serrarias, de Campestre do Tigre, de outras localidades, como Pedra Lisa, Capão Alto, de fazendas, os moradores da vila. Mas eu via o grande interesse do pai nas pessoas trabalhadoras das serrarias. Tanto que no momento da escolha dos filmes, ele sempre perguntava para essas pessoas o que gostariam de assistir. Como vinham os filmes? Nós íamos a Porto Alegre, eu menina, e a gente ia na Mesbla, onde havia uma distribuidora de filmes,

Zaniratti, o pai alugava os tais de filmes lá. Não tenho lembrança de como era feito o pagamento. Esses filmes para chegar até aqui iam às vezes direto para a rodoviária de Caxias do Sul, que mandava para Cazuza. Um senhor em Caxias, que tinha uma banca, ajudava muito o pai. Era Alzemiro Nora. Ele fazia tipo um intercâmbio quando o pai não ia à Porto Alegre. Acho que este senhor é que entrava em contato para que viessem os filmes. Colocavam no ônibus que vinha de Caxias para Cazuza no final de semana e aqui o pai recebia. Ou alguém pegava na rodoviária e trazia. A divulgação? O pai tinha um quadro grande de madeira. Botava o cartaz e eu levava até a frente do Salão Paroquial. E também aproveitava para enviar bilhetes aos frequentadores mais assíduos. Filmes do Mazzaropi, Gordo e Magro, Tarzan, Rim tim tim, Pedro Raimundo e filmes católicos tinham as maiores bilheterias.

O cinema proporcionou muitos namoros e casamentos felizes. Ouço muita gente dizer que começou a namorar no cinema do pai.

Como funcionava? O pai, não tendo energia suficiente, convidou seu Hélio Gil e o seu Nino Rossi, pessoas entendidas, curiosas como ele, e lá se foram para a localidade de Chapada comprar um motor que era de trilhadeira. Levou os senhores juntos para ver se realmente iria funcionar. Deram o ok. Compraram. Instalaram. Era movido à gasolina, mas tinha que deixar o volume baixo. Passava o primeiro rolo do filme. Cortava. Desciam e alimentava o motor novamente. E continuava a festa, o cinema. Funcionou naquele tempo. Era prazeroso. E com o fim da extração, das serrarias, foi diminuindo o pessoal e o pai se obrigou a fechar o cinema porque não tinha mais como manter. Ficou o prédio.

No prédio teve casamento, aniversário, festas sociais, cultos religiosos, encontros políticos. E hoje estamos aqui. Na época, eu atendia na entrada e no barzinho, que vendia bala e chicletes. Ajudava o pai no que fosse preciso. Até passava os filmes. Éramos nós. Eu tinha dez anos. Os irmãos eram pequenos, 1962, e não tenho lembrança deles no cinema. O cinema era do meu pai, então eu deixava passar quem não podia pagar.

Além do lazer, o pai trouxe conhecimento. Hoje percebo como foi bom ele ter trazido o cinema para nós. Nos intervalos da sessão, para a troca de rolos, o pai colocava um 78 rotações na eletrola, assim como no início, antes da sessão, e no final.

E com um alto falante a gente fazia dedicatórias, avisos, chamava outros filmes. Os filmes eram alugados para serem exibidos uma vez. Quando as pessoas queriam mais uma sessão, se ele ia reprisar no outro dia, o pai contava por carta que havia repetido e já avisava que pagaria mais aquela sessão. Ele tinha uma grande preocupação com isso. Temos os papéis da compra da máquina do cinema, da madeira, cartas que o pai mandava, temos as notas.

Gostaria de pedir para quem está no projeto, nesta secretaria, que esta ação tenha continuidade. Como vai ser, como vai funcionar depois? Poderíamos criar um fundo. Quem vai financiar depois? Se hoje eu pudesse ver o meu pai e ele pudesse me ouvir, eu gostaria de agradecer. Ele criou momentos de lazer e cultura. Muito obrigada por ele ter deixado este legado para nós. Que ele esteja em um bom lugar. Muito obrigada, meu pai!🙏



Batista Bossle, 73 anos

Ex-morador do Hotel do Campo, acompanhou, quando adolescente, a criação do espaço e muitas das sessões do Cine Serrano. É escritor e autor dos livros Dicionário do Cavallo, Dicionário Gaúcho Brasileiro e Cazuzza Ferreira tem História para Contar



Eu nasci no Campestre do Tigre, interior de Cazuzza Ferreira, em 1947. Cazuzza é um dos distritos mais antigos do Estado, desde 1878. E tem mais tempo de distrito do que São Francisco de Paula tem de município. Tinha um catarinense chamado Chico Mestre, esse era o apelido, o nome dele era Francisco Luis Antônio, que viajava para Cazuzza e fez amizade com os fazendeiros da região. Ele era capelão e professor e tomou providências para iniciar o povoado de Cazuzza Ferreira. Pegou as licenças e começou construindo um cemitério devido às dificuldades de levar os entes queridos mortos para São Francisco de Paula, isso em 1882.

Em 1883, já tinha o cemitério. Em 1884, fez uma capela e

uma casa para morar. Em 1885, inaugurou a capela. Em 1887, ele mesmo foi o primeiro festeiro. E dali para frente foi festa e festa no lugar. Formou-se, então, um diretório e em 1888 foi doado um terreno para o pessoal de Cazuzza ter onde ficar, construir uma casa. Mais tarde, foi doado mais um terreno. Foram dois. O primeiro foi de José Ferreira de Castilho. Aí é que entra João Batista Bossle, meu trisavô.

Cazuzza Ferreira naquele tempo tinha grandes propriedades. Três a quatro mil hectares tinha um fazendeiro. Eram abastados. Até se sabe que o próprio município chegou a pedir dinheiro emprestado aos fazendeiros para um empreendimento. E naquela época começou a derrubada de pinheiro [araucária] em São Francisco de Paula. Cazuzza começou um pouco mais tarde pela década de 1920, 1930. Os primeiros engenhos saíram nos poteiros. E o progresso continuou. Estava muito bem. Não só a questão da pecuária, mas os pinheiros geravam muita riqueza. Veio muita gente de fora. Dessa época, temos algumas coisas interessantes que aconteceram por lá.

O ano de 1947 foi marcante. Teve um incêndio, 6 casas

foram queimadas e começou a construção do hotel, inaugurado em 1949. Logo depois meu pai se separou da minha mãe e foi morar no hotel, na parte de cima, que hoje já não existe. Em 1957, por aí, fui morar com ele. Então, quando foi construído o cinema nós morávamos no hotel, eu e meu falecido irmão mais velho. Éramos colegas de aula das filhas do seu Antônio. E começamos a assistir os filmes. Tempo bom aquele! Eu já havia visto filme em Caxias do Sul antes de ir para Cazuzza, mas o pessoal de lá não conhecia. Não tinha televisão, não tinha muitas coisas. As recreações eram as carreiras, as festas religiosas, as Cavalhadas e tinham as Sociedades Recreativas. Com um detalhe, havia discriminação. A Sociedade Recreativa Independência era só da elite, dos brancos, não aceitavam de sociedades inferiores nos estatutos. Existia uma outra Sociedade na frente para os amarelos, mas amarelos nunca teve por lá. Não teve japonês, coreano, asiático. Era aquele trabalhador braçal, aquele xiru queimado do sol, pobre. Então, esses tinham a sociedade na frente, com prédio próprio também. Já os negros não tinham um local para se reunir, mas tinham os seus fandangos animados. Havia

essa discriminação, até nas Cavalhadas. Eram três os grupos de corredores, branco, amarelo e negro. Nas festas religiosas também existia e ainda existia.

Mas na época em que começou o cinema, era diferente. Todos podiam assistir, não importava a cor da pele. Seu Antônio não via a cor. Inclusive é interessante dizer que os "morenos", que não tinham onde se reunir, faziam seus fandangos no hotel.

Eu amava aquele tempo. Gostava da comida caseira da Dona Wilma, esposa do seu Antônio. E ele era uma pessoa à frente do nosso tempo. Quando começou o progresso em Cazuzza, ele foi para lá e se instalou no melhor lugar da vila, onde passa quem vai para Campestre do Tigre, Pedra Lisa. Fez um prédio de bom tamanho e depois fez o cinema. Como lotava, se preocupou em fazer um anexo, onde servia as refeições. Era uma pessoa muito simpática, que se dava bem com todos e tinha aquele sorriso largo. Dona Wilma era mais reservada, mas cativava as pessoas na

cozinha porque a comida que fazia era muito boa. Seu Antônio aceitava todos, tanto brancos, como amarelos e negros. Brigas aconteciam, mas não por racismo. Eu lembro de algumas histórias daquela época. Uma delas se passou dentro do cinema. Os filmes que rodavam eram do Gordo e Magro, banguê-banguês, Mazzaropi [Tristeza do Zeca, Malasartes]. Uma ocasião, eu não estava, me falaram. O mocinho já tinha derrubado uns três ou quatro com tiros e o bandido ficou escondido atrás de umas macegas.

Na plateia, muitos fazendeiros, peões, patrão, te recebem com revólver na cintura. Era assim e era comum. Não são beligerantes. Até nas casas, às vezes, o revólver está em cima da mesa. E todos estão acostumados.

Voltamos ao mocinho. E o peão na plateia começou a gritar "ele está ali, ele está ali", apontando o perigo. De repente, o bandido sai e vai dar um tiro no mocinho. O peão não teve dúvidas, puxou a arma e disparou contra o bandido. Foi uma quebradeira no cinema. Seu Antônio teve muito prejuízo. Teve que trocar a tela, algumas madeiras, e o filme não terminou naquele dia. Essa é uma história

que me contaram quando pesquisava para fazer o livro de Cazuza. Não coloquei no livro e estou contando aqui pela primeira vez.”



Ironilse Maria Basso Albé, Dona Neca, 69 anos
Filha de Antônio Basso, proprietário do Hotel e do Cine Serrano e guardião do patrimônio

“Aqui era lindo, mais meu Deus! Era assim! Tempos áureos mesmo. Dourados! Tempos de prosperidade. Tanto é que o pai quando veio construiu este hotel com 60 lugares. Então, esses fazendeiros vinham para as festas, para os bailes ali, e paravam aqui. Que coisa linda! Elas assim com as roupas lindas, tudo bordado, até o chão. A gente só espiava da janela da cozinha e a gente achava lindo aquilo lá.

Então, foi uma época de ouro que Cazuza viveu. E este cinema, isso tudo o que o pai construiu, foi naquela época. Tinha muito

movimento. A gente vendia balas, tudo. E o cinema era muito animado. O pessoal gostava, enchia, sempre lotava. Era muito lindo!

Trazia-se os filmes ora de Porto Alegre, acho que da Zaniratti Filmes, que eu me lembro, vinham com o ônibus, aqueles ônibus que não eram assim como agora, tinham um bico para a frente.

O pai era uma pessoa muito acolhedora, sabia acolher. E tinha um nível, embora não fosse de estudo, um nível de entendimento, de criatividade, muito grandes. E uma inteligência grande. Ele era adiante do seu tempo, me parecia.”





Projeto de Antônio Basso:
Cine Serrano funcionou de 1958 a 1968,
em Cazuza Ferreira.

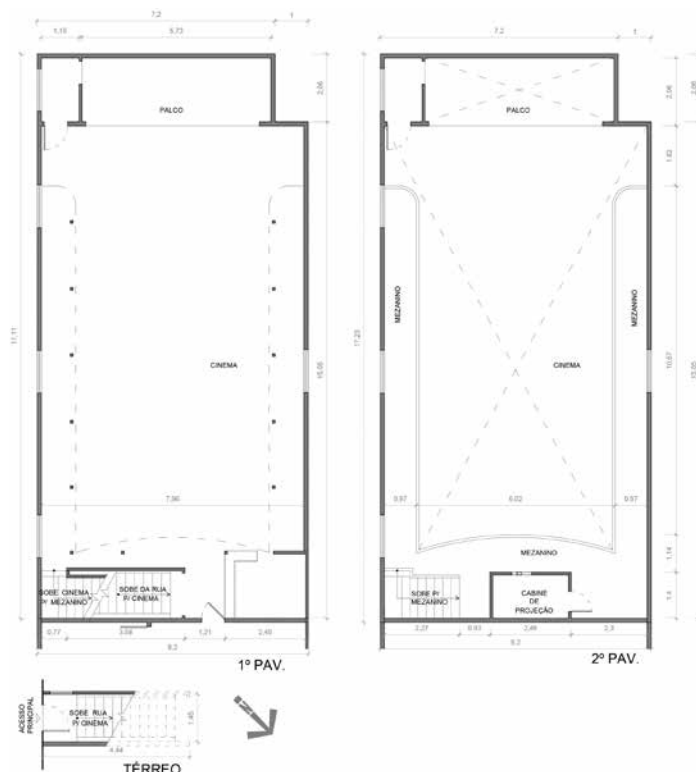


A terra da madeira e das Cavalhadas

Distante cerca de 100 km da sede de São Francisco de Paula, Cazuza Ferreira viveu a exploração da madeira nos anos 50. O desenvolvimento parecia certo e duradouro. Mas a partir da década seguinte, o corte da araucária cessou e as serrarias sumiram, reduzindo drasticamente o movimento do lugar, do hotel e do cinema. Com a queda de bilheteria, o Cine Serrano encerrou suas atividades em 1968, depois de 10 anos de funcionamento.

Hoje, a localidade ainda é muito visitada a cada dois anos, quando a comunidade realiza a Corrida das Cavalhadas, uma encenação teatral e equestre, que representa as batalhas medievais entre cristãos e mouros, culminando na conversão dos mouros e na principal vitória do Imperador Carlos Magno, na Península Ibérica, no século VI. Estima-se que a tradição já dura mais de 100 anos em Cazuza Ferreira.





A arquitetura em araucária

O antigo Cinema de Cazuzza Ferreira foi construído tempos depois da conclusão do prédio principal da hospedagem. A edificação do Cine Serano tem três pavimentos: térreo, um que acomoda o público e o palco, e outro o mezanino, onde fica a cabine de projeção.

Toda a sua estrutura – esquadrias e fechamentos laterais e de piso – é em madeira aparente da araucária. O telhado é coberto por folhas de zinco, e a edificação não aparenta ter alterações de planta. O Hotel construído por Antônio Basso tinha originalmente três pavimentos. Mas em 1965, por problemas estruturais, o terceiro andar foi demolido e o prédio assumiu a forma atual. Rebatizado de Hotel do Campo, a hospedaria recebe hóspedes e está sob a administração da família. O estado de conservação do prédio requer cuidados.



Os guardiões do Cine Serrano

Com o fechamento do Cine Serrano, em 1968, o pavilhão de madeira passou a ser usado para festas, cultos religiosos, reuniões políticas, entre outras atividades. Anos depois, com a morte de Antônio, em 2002, o hotel também fechou, até ser reaberto pela filha de Antônio Basso, Ironilse Maria Basso Albé e seu marido Antônio Carlos Albé, em 2009.

O casal guardião reformou as instalações do hotel, providenciando banheiros de material para os hóspedes e mantém o lugar como se os pais estivessem por ali. O fogão à lenha da mãe, Aurora Wilma Grillo Basso, os artefatos, as cores no teto dos quartos e todas as lembranças dos tempos do cinema estão preservados, dos ingressos ao projetor. No salão do Cine Serrano, Dona Neca, como é conhecida, hoje tem um brechó, que garante roupas para toda a comunidade e recursos para a Igreja.



Cavalinho Branco e Lago São Bernardo: uma dupla imbatível

Por Lúcia Pires
Jornalista

Um parece que não existe sem o outro. São contemporâneos. Se complementam. Um com ares europeu, feito de cimento branco. O outro, sob medida para refletir o exuberante patrimônio natural que os cerca. Juntos, o Hotel Cavalinho Branco e o Lago São Bernardo formam um bem cultural inestimável na área central de São Francisco de Paula, cercado por relevantes características do Bioma Mata Atlântica.

Esse conjunto patrimonial de São Chico começou a ser formado nos anos 1940, quando dois pequenos açudes e um banhado foram represados em pedras-ferro. Na época, já se pensava que o resultado seria um monumento para a futura “urbanização da cidade”. Uma década depois, o esgoto foi desviado das águas, fazendo surgir o espelho d’água que até hoje permanece com bons níveis de oxigenação e transparência.

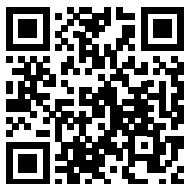
A construção do Hotel também começou na década de 1940 e sua inauguração data de 1978. Foram anos de dificuldades, propostas frustradas e abandono. Toda a sua longa história – que faz parte da comunidade de São Francisco de Paula e envolve empresários e poder público, até a Lei de 1946, assinada por Eurico Gaspar Dutra, que proibiu os jogos de azar no Brasil – está contada no Inventário Cultural do Município, cuja ficha já pode ser acessada por meio deste livro, posicionando no símbolo um leitor de QRCode.





Rota do Patrimônio: a segunda parada

O projeto Memórias foi recebido em um dos principais bens patrimoniais de São Francisco de Paula da tarde de 26 de setembro de 2020. Em busca de lembranças, memórias afetivas, percepções e histórias vividas no Hotel Cavalinho Branco e no Lago São Bernardo, puxamos as cadeiras para uma conversa com um simpático grupo de moradores e visitantes assíduos do local. A Roda de Memória não contou com plateia devido à pandemia do coronavírus no país e de seus protocolos. A comunidade participou enviando fotos e contando lembranças que ratificam o lugar como um bem cultural material e imaterial de São Chico. Acompanhe os depoimentos.



Assista ao episódio 2 do projeto Memórias de São Francisco de Paula





Cecília Viana Martins, 78 anos

Natural de São Francisco de Paula, tia Ciça, como é carinhosamente chamada, conhece bem o município, suas demandas, suas carências e seus pontos turísticos. Sempre participou de movimentos e atividades pelo crescimento de São Francisco de Paula.



Um povo que não conserva suas tradições e não estuda suas raízes é um povo que perde sua história. As terras à direita do lago eram da minha família. Meu pai sempre ia ver a pedreira e o grande banhado. Eu o acompanhava e ele me dizia: "Ouve o canto dos socós". Isso depois da década de 1940. O tempo passou. Meu pai se separou da minha mãe e foi embora para Porto Alegre. Em 1948, começaram a falar que na região do açude iam construir um hotel que seria um grande cassino. Construíram, os jogos foram proibidos e o prédio ficou abandonado. Íamos passear por lá e diziam que era um lugar assombrado.

Passaram-se muitos anos, o mato cresceu e a gente ficava sonhando andando por ali. E aquele hotel em ruínas! Na década de 1970, uma turma liderada pelo Devo fundou a Sarabanda e fizeram um festival. Eu fui. Depois do festival, no alpendre das casas havia jovens dormindo porque não encontraram hotel e os proprietários acolheram. Era um tempo tranquilo, mas na minha juventude, as meninas que vinham para o lago eram mal faladas.

Na década de 1980, visitei o Hotel Quitandinha e a arquitetura é muito semelhante. Tantos eventos, tantas festas, festivais, lançamentos de livros, desfiles de moda, finais de ano comemorados no Hotel Cavalinho Branco. Se as paredes falassem, teriam histórias lindas para contar. O Lago São Bernardo é um cartão postal de São Chico. Tem uma energia incrível. Minha geração sonhava em ver tudo funcionando. São espaços que fazem parte da vida da minha família. É muito comum a gente convidar as pessoas para dar uma volta no lago. Ou perguntar para o turista que chega, já foi no lago? Sou apaixonada por esta paisagem limpa, bonita, com uma força que faz tão bem para a gente. Quando minha filha, que saiu para estudar

fora, vinha me visitar e eu a deixava na rodoviária para voltar, tomava o rumo do lago com meu "fuquinha" para chorar.

É um lugar mágico, de meditação, que te acolhe.

Sou apaixonada por São Chico, a minha terra.”



Maria Lucia da Silva Teixeira, 61 anos
Pesquisadora, formada em Ciências Sociais, com pós-graduação em Ecologia Humana, pela Unisinos, é natural e apaixonada por São Francisco de Paula. Já foi vereadora e a família faz parte da história política do município. Escritora, tem três livros sobre a cidade, publicados em 1996, 2002 e 2019.



É a menina dos olhos da cidade. Lembra a minha família, a minha juventude. Era um dos nossos locais de brincadeira, lazer, namoro, de encontrar e levar amigos. O Lago e o Hotel me trazem ótimas recordações. A gente passeava pelos arredores

de carro, de bicicleta ou a pé. Muita gente passeava e ainda hoje é assim. Lembro os inúmeros eventos, os encontros da Maçonaria, os casamentos, lançamento de livros. Lembro quando encontrei a professora Alda Silva com seus alunos no lago e achei lindo. Ela saiu da zona de conforto para dar uma aula ao ar livre em um espaço tão importante para o município, incentivando as crianças a conhecer, respeitar e incentivar o turismo. Sempre ouvimos falar que o hotel foi construído para ser um cassino, mas o sonho não se realizou porque os jogos foram proibidos. Também contavam que era uma réplica do Quitandinha do Rio de Janeiro. Muitas são as histórias sobre este espaço que é realmente mágico. Sabemos que é preciso melhorar, mas temos que ser rigorosos neste sentido.

É um lugar de contemplação, não de exploração.

Temos outros espaços para investimentos imobiliários. Não podemos tirar o encantamento, que está nos pássaros, nos patinhos, na mata. É unânime a necessidade de preservação. Precisamos cuidar da vegetação, do meio

ambiente, do entorno. Há muitas questões a serem pensadas e resolvidas pela administração pública, mas não podemos abusar. Antes de tudo, precisamos ter consciência de que é um espaço social e cultural que pertence à memória afetiva de todos nós”.



Moacir Castelo Branco de Albuquerque, 73 anos

Médico, é filho de família tradicional da região. Formado pela Universidade Católica de Porto Alegre, nasceu e sempre morou em São Francisco de Paula, onde atende em seu consultório médico. Já foi prefeito e vice-prefeito de São Francisco de Paula e atualmente é vereador.



Devemos nos referir ao Lago São Bernardo e ao Hotel Cavalinho Branco como uma unidade. Um está ligado ao outro. São espaços que se inter-relacionam, verdadeiras identidades da região. O Lago é um ponto de contemplação, um lugar agradável onde famílias passeiam tranquilas e a meninada brinca.

No início, a base da economia em São Chico era a pecuária. Bem depois é que entrou o turismo. O Hotel veio parar aqui não apenas pelo jogo, mas também pela paisagem. Quando os jogos foram proibidos, é claro que o espaço se ressentiu e o prédio virou um esqueleto, mas o entorno sempre foi para a gurizada e para os jovens um espaço de lazer, sem a insegurança de hoje. Especialmente na minha época, lá pelos meus 8, 9, 10 anos, quando não tínhamos televisão, nem internet. As hortênsias ganharam vida neste cenário. É um bem municipal e já passou por trâmites políticos incríveis. O Lago tem vertentes e espécies nativas. Para a preservação, já foi feito um levantamento e a despoluição.

O Hotel começou a ter vida própria, com um público cativo, que se integrou à comunidade serrana. Ainda há muito a fazer. Temos uma história bonita para resgatar. E não é possível desvincular esta região do aspecto econômico também. O que é bom para o espaço? O que não é? Como manter este sistema íntegro?

É um patrimônio que precisa ser pensado com a comunidade”



José Tadeu dos Santos e Ivete Cristina da C. Hoffmann, 58 anos

Moradora de Cachoeirinha, Ivete é professora e visita São Francisco de Paula desde 1990, acompanhada pelo marido José Tadeu, engenheiro de produção. O casal tem uma relação afetiva forte com o Hotel Cavalinho Branco e o Lago São Bernardo, local que escolheram para os fins de semana de lazer, leitura e descanso com a família. Acompanham todos os eventos promovidos pelo município desde os anos 1990.

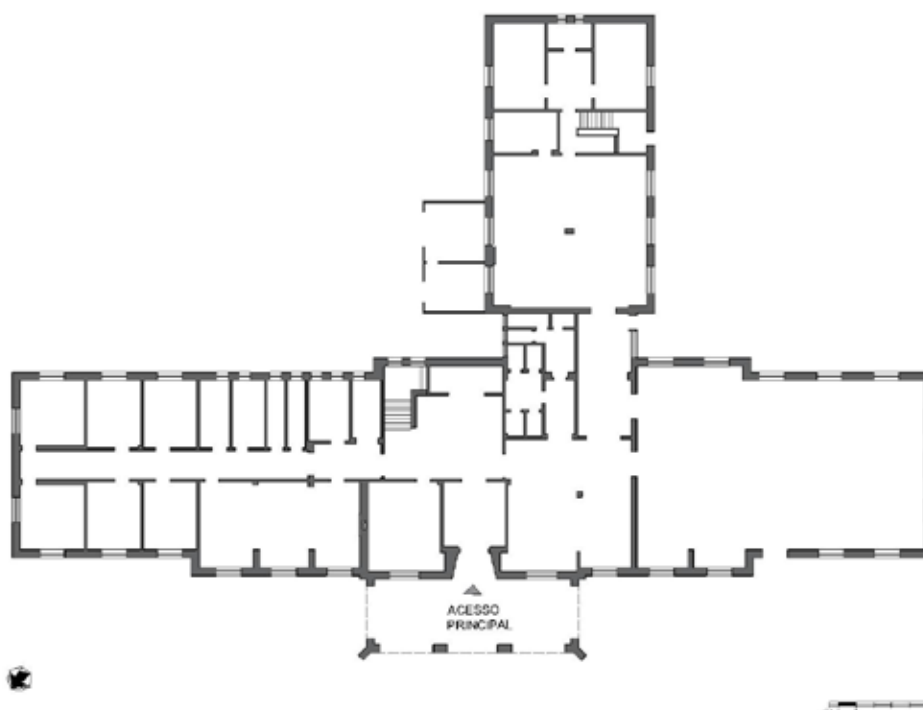


Conheci São Chico e o lago no início de 1980, através de uma colega. Passei muito frio quando vim pela primeira vez. Depois, já com o Tadeu, viemos a convite de uns amigos para passar um final de semana. E São Chico ficou nas nossas vidas.

A paisagem formada pelo Lago São Bernardo e pelo Hotel Cavalinho Branco foi paixão à primeira vista. Para nós, não existe um sem o outro. É um patrimônio inestimável.

E somam-se ao cenário os eventos maravilhosos que acontecem. Desde 1990, quando nasceu nossa primeira filha, Carolina,

viemos para cá. Fomos muito bem recebidos no hotel e ficamos. Em 1992, nasceu o Artur. Aí passamos a vir em família. As crianças brincavam na volta do lago, livres. E como somos muito ligados à cultura, às artes, à natureza, curtimos todos os eventos de São Chico – Festa do Pinhão, Dança das Águas, teatro, história dos índios, musicais, momentos que ficam para sempre internalizados. Frequentamos o Soma, o Taylor, a Livraria Miragem, o restaurante Castelli. Caminhamos com prazer, respirando e observando o meio ambiente. Fizemos amigos e nos sentimos acolhidos pelo espaço, especial também para uma boa leitura. Para nós não existe o Lago sem o Hotel, nem o Hotel sem o Lago. Nosso sonho é vir de fato para cá, sermos cidadãos serranos”



Arquitetura: o valor das fachadas

Por Cristhie Lenz

Arquiteta

O olhar da arquitetura sobre o prédio do Hotel Cavalinho Branco está registrado no Inventário Cultural do Município e conclui que a maior valorização do imóvel é a sua composição na paisagem e na memória local. As fachadas externas são consideradas de relevância histórica e cultural.

[...] O corpo da edificação, além do volume ressaltado central, é composto de sacadas isoladas que avançam com sutileza e com elementos mais verticalizados de esquadrias. Os guarda-corpos em gradil metálico são esbeltos, assim, como as lajes em balanço das sacadas. O volume é equilibrado e apesar da cor branca de destaque mantém a composição com o entorno. As janelas, em verga reta, na cor verde, ajudam a harmonizar



o conjunto com as telhas cerâmicas da cobertura. O elemento avançado de marcação de acesso é um elemento diferenciado na edificação, sua estrutura arqueada, no térreo, enfatiza a simetria do contexto robusto, trazendo um ar diferenciado.

A análise do interior da construção revela que a grande atração do hotel permanece sendo o entorno, as vistas do lago e da paisagem.

[...] Internamente, a edificação não tem destaques. O piso do andar superior, por exemplo, foi substituído, trazendo demasiada ênfase, deixando de revelar elementos diferenciados, como o espelho que compõe o marco das portas. Percebe-se que muitos elementos são simples e ligados à década da inauguração, possivelmente não vinculados ao projeto original, que seria de maior requinte.

Beleza cênica e ambiental

Por Marcia dos Santos Ramos Berreta

Doutora em Geografia, Profa. Adjunta Uergs - Unidade Hortênsias

Mateus da Silva Reis

O Lago São Bernardo é um dos lugares mais visitados da região por sua beleza cênica, formada pelo espelho d'água emoldurado pela Floresta com Araucária. Ele se encontra no planalto, numa altitude de 870 metros, com o perímetro de 1.675 metros e profundidade entre 5 e 8 metros. As margens e as regiões circunvizinhas ainda estão bem conservadas, associadas aos Campos de Altitude e a Mata Ombrófila Mista, ecossistemas pertencentes ao Bioma da Mata Atlântica.

A principal nascente encontra-se na parte oeste, onde a água é aprisionada numa pequena barragem [conhecida localmente como piscininha] antes de seguir para o Lago. No lado contrário, a leste, encontra-se a principal saída das águas em direção ao arroio Rolantinho da Areia. Todo este sistema hídrico faz parte da Bacia Hidrográfica do Rio dos Sinos.

Mas o Lago São Bernardo não se compõe apenas da sua superfície. Em direção a sua entrada, tanto pelo Sul como pelo Norte, os pinheiros de araucária se destacam, mostrando que são a marca mais exuberante daquela paisagem, vestígios de um tempo geológico de 200 milhões de anos, época em que os continentes americano e africano eram unidos. No centro o Lago, uma superfície com cerca de 10 hectares, reflete o céu e a vegetação formada pelos pinheiros de araucária. Também as árvores plantadas no seu entorno oferecem nuances de cores em tons de amarelo, laranja, vermelho e marrom que encantam os visitantes.

Todas as características ambientais do Lago São Bernardo provêm do sistema ecológico do Bioma Mata Atlântica, que se destaca por sua

grande biodiversidade, incluindo várias espécies que ocorrem apenas nessa região. Para citar algumas espécies da fauna do Bioma, que vivem no Lago, temos o bugio-ruivo [*Alouatta clamitans*], a gralha-azul [*Cyanocorax caeruleus*], a curicaca [*Theristicus caudatus*], o papagaio-charão [*Amazona pretrei*], o quero-quero [*Vanellus chilensis*], o Jacu-velho [*Penelope obscura*], o Graxaim-do-mato [*Cerdocyon thous*], além de anfíbios, répteis, serpentes, invertebrados, alguns deles ameaçados de extinção. Da flora encontramos o xaxim-bugio [*Dicksonia sellowiana*], o pinheiro-brasileiro [*Araucaria angustifolia*], a casca d'anta [*Drymis angustifolia* e *D. brasiliensis*], a Bracatinga [*Mimosa scabrella*], e muitas outras espécies, além de bromélias e orquídeas.

O Bioma da Mata Atlântica na região do planalto rio-grandense é composto pela Floresta Ombrófila Mista, também denominada de Floresta com Araucárias ou Mata dos Pinhais, a Floresta Ombrófila Densa e os Campos de Altitude. A Floresta com Araucária é um tipo de ecossistema com o predomínio das árvores chamadas de Pinheiro do Paraná ou Araucária. Calcula-se que restam somente cerca de 2% desta Floresta no Sul do país. No Lago, temos como principal formação fitoecológica a Floresta Ombrófila Mista.

Araucária angustifolia merece atenção especial para a conservação da biodiversidade regional do Bioma da Mata Atlântica, pois é uma espécie-chave para a sobrevivência de várias espécies de animais ameaçados. A araucária proporciona alimento para inúmeras espécies no inverno, uma estação do ano crítica dada a quase inexistência de outras fontes alimentares. [GUADAGNIN, SOBRAL e BECKER, 1998].

O Lago São Bernardo, com o seu entorno, é responsável por importantes serviços ecossistêmicos. A Floresta com Araucária é encarregada por produção, regulação e abastecimento de água, regulação e equilíbrio climático, fertilidade e proteção do solo, produção de alimentos como o pinhão, madeira, remédios. É o habitat para muitos animais, promove o sequestro de carbono contribuindo para a redução do efeito estufa. Além disso, configura-se numa paisagem cênica que associa a preservação do patrimônio natural ao cultural.





Colégio José de Alencar 100 anos de história

Por Nathan Camilo

Historiador

Foi na década de 1940 que a Sociedade Amigos de São Francisco de Paula liderou uma campanha para instalação de um ginásio na cidade. As irmãs da Congregação de São José aceitaram a proposta em agosto de 1947, com a condição de que a Sociedade obtivesse um terreno e construísse o primeiro pavimento do prédio. Iniciou-se então uma campanha para arrecadação de fundos. Em junho de 1948, conforme o Apelo ao Povo Serrano!, redigido pela referida Sociedade em prol da construção do prédio, a exigência da Congregação era apenas a doação de um terreno “com as dimensões, localização e outras condições prescritas pelo Ministério da Educação”. A contribuição mínima era de Cr\$ 1.500,00, podendo ser dividida em três parcelas anuais de Cr\$ 500,00.

Instalado no município em 15 de março de 1948, o Ginásio São Francisco de Paula lançou a pedra fundamental de seu prédio próprio em 23 de abril de 1950. A solenidade ocorreu após a realização de uma Santa Missa campal sobre os alicerces. Dom José Baréa, bispo diocesano de Caxias do Sul deu a bênção. Entre os presentes, estavam convidados de honra, membros da Comissão de Obras, diretoria da Sociedade Amigos de São Francisco de Paula e paraninfos. Junto à pedra angular foi enterrada uma urna com a lista com os nomes dos que colaboraram financeiramente para a construção do prédio, a programação da solenidade do dia, um exemplar do jornal do dia anterior, um exemplar do Apelo ao Povo Serrano e moedas correntes à época. A edificação foi inaugurada em 1954.



A origem na Escola Normal

Por Regina Mariza Martins Bosquetti

Texto extraído do artigo publicado pela professora no livro “Narrativas e Memórias das Escolas Estaduais de Curso Normal do Rio Grande do Sul”, 2018.

A origem do Ensino em São Francisco de Paula data de 1914, quando alguns professores, a convite da Prefeitura Municipal, passaram a dar suas aulas numa modesta casa que anteriormente fora uma casa comercial, situada na rua D. Pedro II, atual Cel. Henrique Lopes da Fonseca, surgindo assim o primeiro colégio municipal, “O Colegião”, orgulho de muitos até hoje. Os professores, naquela época, eram pagos pelo poder público municipal.

Em 1941, a Escola passou a chamar-se “Grupo Escolar José de Alencar”. O nome foi escolhido pela diretora e pelos professores, por ser José Martiniiano de Alencar um grande escritor romancista, dramaturgo, jornalista e político brasileiro. Em 10 de abril do ano de 1953, foi criado pelo doc. Nº 3885 o Curso Normal Regional, de 1º Ciclo, em São Francisco de Paula. Com duração de 4 anos ou séries – Dec. 7754 de 15/05/1955 – findos os



períodos os alunos recebiam o diploma de Professor Regente do Ensino Primário. Para ingressar nesse curso, exigia-se dos candidatos a conclusão do curso primário, que era de 5 anos e a idade mínima de 13 anos.

A Escola foi contemplada com o Curso de Formação de Regentes do Ensino Primário em 1º de abril de 1953, pelo Governador do Estado, Leonel de Moura Brizola. Esse curso veio proteger a classe social menos favorecida. Também existia o Curso de Frequência Livre para os professores do interior, não titulados, sendo que o material era enviado por correspondência e os candidatos realizavam as provas em fevereiro e julho, em época de férias, dando-lhes formação didática e cultural para o exercício de sua profissão.

Em 1981, houve a mudança da Escola para o prédio do Ginásio das Irmãs São José, na Rua Assis Brasil, por meio de um convênio do município com o Estado, graças ao empenho do Prefeito Municipal. Atualmente, o Curso Normal destina-se a jovens e adolescentes, que procuram rapidamente entrar no mercado de trabalho. O curso ainda oferece oportunidades de emprego e, para muitos, a vocação e o amor pela conquista no Curso Normal por acreditar na educação.

José de Alencar



O não ser do Ceja

Por Matheus Barros Zimmer

É acadêmico do curso de Letras da UFRGS e egresso do CEJA - Colégio José de Alencar

Se me perguntassem agora, sem tornar a pensar por mais nem menos, o que ou quem é José de Alencar, me restaria apenas responder: “Uma escola, no monte das Serras”. Faz sentido, quando se tem um grande escritor perto do céu. Dia desses, meu avô tornou a filosofar, sem querer, e eu, ouvindo de longe registrei: “A coisa que mais anda é o pensamento: assim como tá aqui tá-lá!”. Claro, José de Alencar, o escritor! Brasileiro, cearense da Messejana! Que diabos é José de Alencar? Quem terá sido ele no Grande Sertão? O próprio diabo? No meio da rua, no redemoinho? Ou, por menos, só um urucuiano nos exércitos de Zé Bebelo. José é canoa? Rio? Travessia? O próprio remador? Não se sabe. Dizem que conheceu bastante os espaços do sertão quando viajou de cá té lá, do Ceará a Bahia. Não digo tudo, mas quase tudo.

Tal de José de Alencar cochichou que se encontrava em estado qual porque seu pai era padre e sua mãe uma comum. De prazer nasceu pecado, e foi amaldiçoado pra viver depois do de se ter vivido. Em vida, teria sido muito escritor - marcava, de chicote, nas páginas, lindas coisas, indianista -, terá sido escola e memória. Falou, enredando, ao pé d’ouvido de Riobaldo, curioso, com meio medo, que seria necessário contar sua história ali, pra uns anos depois, duas décadas em dois mil, nos jornais, por publicação ousar, suas memórias, as memórias de José de Alencar. Não sabendo o que fazer, rio acima, rio abaixo, se prestou a ouvir, o de carne, físico.

Conta que Abel, professor ali, estudante lá, de barba, que corre muito, Abel, filho de excelentíssimo professor, que mora por entre os uvais, dirigiu redigir essas memória de escola, pra saber, pra não esquecer, não deixar apagar, nos devagar depressa dos tempos, a instituição educativa, pra localizar o que, de fato, enfim, é essa escola José de Alencar. É meio difícil localizar memória quando não se tem memória, seja por produção de alto conhecimento, seja por lenda urbana, falada de geração

em geração dos da cidade: ensinada. Falta difusão cultural em massa na opinião dos que opinam. Mas tá vindo, elegante, certo documentário, em certa publicação, de certo projeto, tá vindo. Tá aqui.

O mais próximo que se teve de Zé de Alencar, segundo compadre meu Rio-baldo, já velho, contando pra mim, foi Iracema, recente diretora, de anos passados. De boa muita, ela, de obra literária em pessoa, governou o centenário da instituição, em dois mil e dezoito. A gente governa pra não ser governado. Em discurso, molecada que não queria saber de nada, falando entre si, apagando a escola, só se fazendo estar ali sem estar presente. Fundada, em 1953, no curso das professoras, a Normal. Depois, transferida prali perto, n'outro prédio, adicionado mais curso, o segundo ciclo de Normal que, choram as vozes, de normal nada se tinha: piano estourando sozinho, freira espichando corda, urro do demo no corredor, escurão de luz do último andar, vulto que se saia correndo nas esquinas do decorrer, coisa sem sentido, que se via. As professoras, assustadas, se formava sob educação de formar analfabeto funcional, aquele que lê sem nada entender - narra a história, verídica, estudada, pesquisada. Tem coisa que é bebida pra rim empedrado: cutuca e a gente evita.

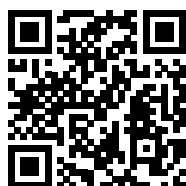
Temporalmente, funcionou assim: a Escola Normal Regional, ciclo primeiro, começou onde hoje é a Industrial, em 1953, certo? Fechou-se em 1971, com nomeação de Escola Normal José de Alencar, totalizando atividade de dezoito anos. Concomitantemente, ao tempo mesmo, em 1962, iniciou o segundo ciclo, que logo se transferiu, onde tá até hoje, na Assis Brasil, vestido de amarelo. Diabo de ciclo é esse? Ciclo pra mim é coisa que não acaba, que roda-roda-roda-roda, sem a intenção de parar de fornecer. Clama a história que em 1948, o prédio amarelo já tinha raiz, crescida das irmãs de São José. Diz que se podia estudar latim, francês, música, piano, movimentação esportiva, artes, de graça, oferecido. Se tinha um grêmio estudantil atuante por demais. A gente devia de gostar, se estivesse lá, direto, sem por meio da memória. Resta ainda uma biblioteca, que carece de quem a leia, com uma vitrine bonita, à esquerda de quem entra, entrando, dois metros de andar, resguardando os Papéis Avulsos, os Guaranis e os que outro escreveu o demo, que cutuca, sô Zé de Alencar que, nos sertão do colégio, preso busca os por fora, Diadorim, dedilhando ao piano um noturno de Chopin.



Rota do Patrimônio: a terceira parada

A última parada do projeto Memórias de São Francisco de Paula foi na biblioteca do Colégio José de Alencar, em 10 de outubro de 2020. Lugar onde boa parte da população de São Chico já passou e, com certeza, levou algo para a vida. A anfitriã da equipe e seus convidados foi a atual diretora Mirian Paiva que, em plena pandemia, vivendo meses de corredores vazios, salas silenciosas, e dificuldades de manutenção do prédio com uma recente inundação no andar superior, fez questão de receber pessoalmente o grupo de ex-alunos e professores para a Roda de Memória.

O encontro durou pouco mais de uma hora. O suficiente para buscar da memória histórias, cenas e sentimentos vividos na instituição que atravessa o tempo levando o maior bem que uma sociedade pode ter: a Educação. Acompanhe os depoimentos desses ex-alunos e professores do José de Alencar e também de uma aluna da escola Normal.



Assista ao episódio 3 do projeto Memórias de São Francisco de Paula



O piano Essenfelder é uma das relíquias do Colégio José de Alencar. Está no auditório da escola.



Luiz Pompeu Vieira Castello Costa, 72 anos Advogado, formado pela PUCRS, é pai de quatro filhos e tem quatro netos, todos naturais de São Chico. Ex-aluno do Colégio José de Alencar, fez carreira na advocacia, na administração e na política. Foi vereador e secretário municipal e assumiu cargos em órgãos estaduais. Cronista, escreveu o livro “Coisas de São Chico – Pequenas Histórias”.



Quero louvar este momento e dizer que estou emocionado. É fantástico participar porque as memórias permanecem com a gente e é muito bom lembrá-las.

O que marca a vida são as histórias que ficam.

Comecei a estudar na antiga Escola Normal, do jardim de infância até a 4ª série. Dona Lélia, minha tia, era a professora. Mas para cursar o 5º ano, aqui neste prédio – no Ginásio de São Francisco de Paula

– precisávamos fazer o exame de Admissão. E passar neste exame era um desafio dantesco. Fui mais festejado pelos meus pais quando passei no Admissão do que quando passei para Direito na PUCRS. Ganhei até uma bicicleta. As turmas eram mistas. As freiras eram disciplinadíssimas, tinha fila para tudo e havia uma espécie de baú no andar térreo para a troca de sapatos antes de subirmos para as salas de aula. E nós, de sacanagem, trocávamos os pares e era aquela confusão na saída. Como não tinha transporte escolar, andávamos na chuva, no barro, na neve para chegar até a escola. Entrei com 11 anos e saí com 15, 16. Trazíamos a merenda de casa e como a das gurias sempre era melhor, roubávamos.

Quando vieram as internas para o Ginásio, os rapazes enlouqueceram. Eram umas deusas. Todos queriam namorá-las. As saias das meninas não podiam ser curtas. Tinham que ficar em cima do joelho e as freiras faziam elas se ajoelharem para medir. A barra da saia tinha que bater no chão. Mas logo depois, elas enrolavam na cintura para encurtar. Era tudo muito intenso. A vida era intensa.

A banda era a maior e a melhor de todas. Hoje nem sei se era tão grande assim. Fazíamos serenatas, muita bagunça. Aprontávamos. Quando era demais, as freiras chamavam o padre para conversar com a gente de homem para homem, o padre Hilário ou o padre Pedro.

Aqui estudei francês, latim, inglês. Foi a minha preparação para ir adiante”



Iracema Teixeira, 71 anos

Professora, dedicou-se à carreira na área da orientação pedagógica. Foi diretora da instituição e responsável pelas comemorações dos 100 anos da Escola Estadual José de Alencar, comemorados em 2019, um trabalho reconhecido pela comunidade.



Estar aqui para falar da Escola Estadual José de Alencar, mais conhecida como Escola Normal, significa prazer e orgulho. Fui aluna e fui professora. Lembro quando recebemos a notícia que o governo

havia comprado o prédio do Ginásio porque a nossa escola não comportava mais o número de estudantes e que iríamos nos mudar. Foi muita alegria e emoção. Eu tinha fascínio pelas histórias que contavam das irmãs, das internas, dos mistérios que assustavam as crianças, como o som do piano e dos passos pelos corredores que muitas pessoas diziam ouvir. O estudo de música era um dos diferenciais do ensino ministrado pelas freiras. Eu achava o prédio maravilhoso.

Passava pela frente, ouvia o som da rua, tão lindo, e me perguntava: Quem está tocando?

Trabalhei muitos anos e quando cheguei aqui fiquei emocionada. Estava no espaço em que gostaria de ter estudado e não tive condições na época. O tamanho da escola me impressionou muito.

Fui gestora durante seis anos. Economizamos para fazer o evento dos 100 anos da José de Alencar, um sonho meu e da equipe diretiva que todos abraçaram. Tivemos o apoio dos alunos, dos pais, da comunidade.

E já estávamos no prédio do Ginásio. Inauguramos uma galeria de fotos de ex-alunos. Restauramos o que foi possível e compramos móveis. Homenageamos o patrono da escola, Alfredo Costa de Lucena e Beatriz Nodari, a aluna que fez a letra do hino. Homenageamos Lori Camilo, a professora que escreveu a história da escola até 1991.

Fizemos gincana, show de talentos, um desfile destacando as diretoras e inauguramos uma galeria com fotos delas também. Foram inúmeras atividades. Quando viemos para este prédio fui convidada para trabalhar com Orientação Educacional. Eu, bem tímida, fui chamada pela Valda Soprano em uma cerimônia e não consegui dizer nem boa noite de tão emocionada.

Chegar aqui superou as minhas expectativas. Conhecer os lugares onde ficavam as irmãs, as internas, onde faziam as refeições, foi incrível. É difícil encontrar na cidade quem não tenha estudado ou não tenha ouvido falar deste espaço.

Foi e é um lugar importante para a formação das nossas crianças, dos nossos jovens e dos nossos profissionais.



**Maria Inês Müller,
64 anos**

É formada em Educação Física. Estudou no Ginásio na época das freiras e, mesmo aposentada, é muito atuante na comunidade. Trabalhou em um Centro Comunitário da Prefeitura de Porto Alegre e foi professora do Estado. Hoje é autônoma na área do bem-estar corporal.



Na infância, eram muitas as brincadeiras.

Saíamos correndo no recreio para pular sapata, brincar de roda, passa-passa passará, esconde-esconde, pega-pega, enfim!

Já na sala de aula, eu ficava zozna com a matemática. Depois do quarto ano, ficamos mais malandras. Na capela do colégio, na adolescência, roubávamos caixas de fósforo para fumar escondidas.

Lembro muito do coral. Cantávamos na igreja. Lembro também que tínhamos um uniforme para a semana e um especial para o domingo e para as comemorações. Mas as roupas eram frias para o inverno rigoroso da serra. E ainda enrolávamos as saias na cintura para deixar mais curtas. Quem fazia parte da banda ou se destacava nos esportes virava estrela. O 7 de setembro era uma festa, assim como o desfile na avenida, os jogos, o Dia das Mães quando algumas alunas declamavam e as mães choravam.

As gurias jogavam vôlei e os guris futebol. Na quadra, se a gente pudesse, ficaria toda a tarde jogando. O salão era o local de esportes da cidade. E havia a estátua de um anjo no fundo do pátio, onde nos escondíamos para namorar. Havia muito disciplina, mas éramos abusadas e fazíamos sacanagem com as freiras, como tocar a campainha da porta principal da escola e nos escondermos. A irmã dos Anjos ia abrir e não tinha ninguém. Fiz datilografia com ela, que colocava água quente em

vidrinhos para aquecer as nossas mãos no inverno. Ajudávamos as freiras quando nos chamavam. As turmas fechavam agnolini para as festas da Igreja no Salão Paroquial. A pipoca das festas juninas era deliciosa.

E eu adorava as músicas ao piano, tocadas pelas alunas mais velhas. Lembro de ouvir a Zuara Andrade ao piano, mãos leves, suaves.

Eu adorava as aulas de Música e Educação Física.

Rezávamos no início e no final das aulas. Tudo era motivo de reza e vivíamos na missa. Às vezes, na sexta-feira, no final da aula, os guris de Porto Alegre que iam para São Chico no final de semana nos esperavam no portão e ficávamos felizes.

Os anos 1970 estavam chegando. A escola era limpa e disciplinada. Minha geração quebrou um pouco a disciplina. Gaseávamos as aulas e uma vez a irmã Helga nos chamou de "rampeiras". Mas cantávamos com ela no coral. E também aprendíamos a bordar, costurar, fazer tricô"



**Maria Luiza Rocha,
69 anos**

Foi estudante do antigo ginásio e também professora de Línguas do Colégio José de Alencar. Graduada em Letras/Português, pela Universidade de Caxias do Sul, e Psicologia, pela FACCAT, hoje atua em consultório próprio na área da psicologia clínica. É voluntária em ações sociais da cidade, como a Liga Feminina de Combate ao Câncer.

“
Vim estudar neste prédio de forma interessante. A mãe veio fazer a matrícula do meu irmão, sete anos mais velho do que eu, e me trouxe junto. Quando entrei já fui logo dizendo que queria estudar aqui e uma das irmãs, como a gente chamava, foi dar uma volta comigo para mostrar a escola. Tudo era estupidamente limpo e organizado. Como não tínhamos dinheiro, conseguimos uma bolsa e fiz o primeiro grau, na época quatro anos, e depois um exame que chamavam de Admissão para cursar o que hoje conhecemos como

segundo grau. Lembro das crianças tocando gaita, dos jogos e dos alunos do Colégio Sévigné que vinham de Porto Alegre para as competições e sempre ganhavam. Lembro do baú, no andar térreo, onde trocávamos os sapatos para não sujar a escola.

Lembro das festas, dos teatros, da banda com todo mundo impecável para os desfiles, especialmente no dia 7 de setembro.

As freiras eram firmes, duronas, mantinham uma disciplina impecável, mas acolhiam a gente sempre que apresentávamos algum problema. Eu era péssima em matemática. Cheguei a fazer xixi na sala de aula de tão nervosa que fiquei ao ser chamada para fazer uma conta no quadro negro. Pois uma das irmãs pediu que eu fosse na escola pela manhã e me deu aulas de reforço, me ensinou a tabuada usando cadeiras e lápis, numa cumplicidade incrível. Uma interna me recebia e eu vi de perto como elas e as freiras viviam. Tinham orgulho do colégio. Alguns alunos eram chamados para sair da Cartilha e ir para o livro Vamos Estudar. Fiquei orgulhosa quando me chamaram para fazer esta passagem.

**Participar desta
roda de conversa
é um momento
muito rico, mexe
com memórias
afetivas
incríveis, da
minha infância à
vida adulta.**

Neste espaço tive uma boa formação e me fortaleci em português. Bem mais tarde, voltei como professora da Escola Estadual José de Alencar, que já ocupava o prédio, e fiz grandes amizades.



Joilde Valim , 73 anos
Ex-aluna e professora do
Colégio José de Alencar

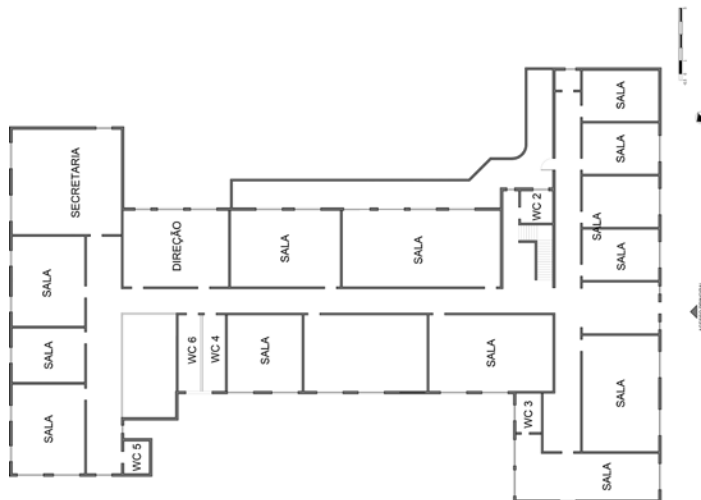
“
**A banda
era alegria,
motivação.
Quando tinha
ensaio, todo
mundo saía feliz
de casa.**

Naquela época, nós alunas éramos muito diferentes de hoje. A gente fazia as coisas com prazer, com alegria,

com orgulho. Participar da Banda era também status. Nesta foto eu estava com 18 anos, era 1965. Todas nós queríamos ser professoras. Era um sonho na época. Era a profissão para mulher. Ainda mais aqui no Interior. Eu amava tudo. A gente acreditava na educação, acreditada no nosso trabalho. Existia respeito, amizade. Nossas botinhas eram vermelhas, coisa mais lindinha. A saia era branca, a jaqueta vermelha e também tinha dourado. A gente aparecia de longe. Eu tocava surdo, prato e adorava desfilar. Sou a terceira, da esquerda para a direita. Desfilávamos em todos os eventos da escola, como a festa das mães e 7 de setembro.

Do tempo da Escola Normal também lembro muito da Barsa. Eu nunca esqueci. Gostava de pesquisar na Barsa. Era uma coleção de livros muito cara. E pra gente pesquisar na Barsa era preciso marcar horário na biblioteca. Cuidávamos para não ter conversas paralelas na hora da pesquisa e, na hora da entrega, elas olhavam bem para ver se tudo estava perfeito. A gente não tinha em casa, então aproveitava muito aqueles momentos de descobertas. Eram livros vermelhos...uma espécie de google”.





O olhar da arquitetura sobre o Colégio

Por **Cristhie Lenz**

Arquiteta

O inventário cultural da cidade concluiu a análise arquitetônica revelando detalhes da construção.

[...] A edificação mais antiga, anterior a uma ampliação na década de 60, possui volumetria diferenciada, em especial na cobertura. O coroamento do prédio é com uma mansarda [água furtada], que permite aproveitamento de sótão. Esse estilo de cobertura era comum na Europa e se dissipou na região, na década de 1950, principalmente nas localidades de imigração alemã. A base da construção é de basalto argamassado e compõe as paredes do subsolo. As janelas são do tipo basculante de ferro com vidro.

[...] Nos andares superiores percebe-se a mudança dos revestimentos da edificação original para a ampliada. No sótão, a área original tinha piso de tábuas corridas, ao invés do parquet usado na ampliação. O mesmo ocorre nas salas de aula do segundo andar e na maior parte das salas ocupadas atualmente pela Universidade, no andar térreo.



[...] A escada curva, do acesso principal, é outro elemento de composição de destaque. Com as colunas circulares, tenta quebrar a rigidez da fachada e garante um ar mais moderno a edificação. O revestimento de piso da escada não é original. O hall de acesso tem piso diferenciado com cerâmica terracota hexagonal. Era uma área de transição com a área externa, uma segunda porta que garante acesso à circulação principal. As portas de entrada e secundária são com duas folhas de abrir, com presença de bandeira superior.

[...] O andar térreo recebe, em seu interior, piso de ladrilho hidráulico. Piso que se mantém em boa qualidade até os dias atuais. Portas de madeira, que acompanham a cor dos rodapés. As paredes receberam pintura especial na época, do tipo escaiola, a pintura da área inferior lembra um marmorizado com cores que combinam com o piso. Como barra de fechamento, a pintura superior tem detalhe em tom mais terracota, com a marcação de duas linhas horizontais de acabamento.

[...] A granitina recobre a escada com parte dos degraus em leque. O mesmo material recobre os parapeitos laterais. A cor é verde e harmoniza com o piso de ladrilho hidráulico do térreo. O segundo andar, possivelmente por motivos financeiros, recebeu um piso cerâmico na cor verde, com custo inferior ao hidráulico na época, mas mantendo a integração de cores com as escadas, que mantêm o mesmo padrão até o terceiro andar”.

[...] O terceiro andar comporta o auditório, ocupando a extensão da área frontal da edificação. Seu teto em desníveis lembra um formato de gamela, ou navio invertido; tal formato era comum nas igrejas coloniais para garantir melhor acústica. Nesta pandemia, este ambiente e outros do andar superior sofreram infiltrações que estragaram parcialmente o parquet do ambiente.

[...] A fachada interna do pátio não mantém as linhas de marcação horizontal, porém a sacada em curva garante um elemento de destaque e permite a apreciação do pátio interno. No subsolo, é possível perceber as colunas que apoiam a sacada dando uma ideia de pilotis. Peças cerâmicas, típicas do período, recobrem o peitoril da sacada.



Preservação do Patrimônio Cultural e Inventários Culturais

Por Renata Galbinski Horowitz

Arquiteta

Especialista em Gestão de Obras de Restauração do Patrimônio Cultural

Ex-Diretora do IPHAE [2017 a 2019]

Ex-Superintendente do IPHAN no RS [2019 a agosto de 2020]



A Roca: encontrada no porão da família Andrade, em Cazuza Ferreira. A relíquia com 136 anos foi recuperada e mantém 95% do material original, de base larga em madeira. Está em uso por artesã do local.



Foi em 1937 que se instituiu oficialmente a política de preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro, quando se estabeleceram os instrumentos para sua proteção e também foi criado o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Transcorridos oitenta e três anos de trajetória, identifica-se no Brasil uma diversidade cultural que poucos países apresentam, constituindo-se assim o Patrimônio Cultural Brasileiro em um ativo que por seu poder de fortalecimento de identidades, aumento da autoestima das comunidades e estímulo ao turismo cultural é capaz de impulsionar o desenvolvimento socioeconômico.

Em 2001, através do Estatuto da Cidade, estabeleceram-se diretrizes gerais para a política urbana brasileira. Determinou-se, assim, aos municípios de maior porte, a elaboração de planos diretores de desenvolvimento urbano que contemplassem questões inerentes à proteção e preservação de seu Patrimônio Cultural. No entanto, um desafio fundamental ainda permanece – o de alcançar o protagonismo dos municípios no processo de preservação de seus patrimônios culturais. Neste sentido, a execução de inventários é o primeiro passo a ser dado nessa direção.

Inventários do Patrimônio Cultural apresentam-se como instrumentos básicos de conhecimento, identificação, reconhecimento, valorização e proteção dos bens a serem preservados. Como dinâmica para sua exe-



cução, são estabelecidos parâmetros técnicos, critérios de valoração, recortes temporais e espaciais que possibilitem a construção de narrativas, tanto em relação à região de abrangência, como em relação aos diversos grupos sociais que as compõem. Neste processo, para que o conhecimento produzido em um inventário proporcione o fortalecimento dos vínculos de uma comunidade com o seu Patrimônio Cultural, apresenta-se como fundamental a participação das comunidades na sua realização.

Portanto, me congratulo com a comunidade de São Francisco de Paula que, ao realizar o inventário de seu Patrimônio Cultural, inicia a caminhada na direção de protegê-lo e, certamente, está assumindo o protagonismo de sua preservação.

A necessidade de conhecimento do Patrimônio Cultural pela comunidade que o detém é sempre bem lembrada na fala atribuída a Aloísio Magalhães, que foi Coordenador do Centro Nacional de Referência Cultural, Diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN], Secretário da Cultura no Ministério da Educação e Cultura e Presidente da Fundação Nacional Pró-Memória:

“... Só se protege aquilo que se ama, só se ama aquilo que se conhece.”



Caminhos feitos de pedra

O núcleo urbano atual de São Francisco de Paula tem origem, além da sesmaria do capitão Pedro da Silva Chaves, na passagem de tropeiros pela região no século XVIII para transporte de gado e mercadorias rumo a Sorocaba para dali ser comercializado para Minas Gerais. Tal transporte motivou a criação e consolidação de caminhos.

Muitos desses tropeiros eram de origem paulista ou portuguesa, trazendo para a região hábitos, costumes e técnicas que contribuíram para a formação da cultura local. Um exemplo são as TAIPAS, muros construídos com blocos de pedra sobrepostos sem uso de rejunte, encaixados a seco. O material utilizado é o basalto, rocha abundante na região dos Campos de Cima da Serra. O ofício do taipeiro é transmitido de geração para geração. Um dos usos das taipas foi justamente para delimitar os corredores por onde passava o caminho das tropas. Hoje, elas ainda inspiram o paisagismo da cidade.



Das riquezas da educação patrimonial

Por Cláudia Santos Duarte

Professora de História das redes pública e particular de ensino em São Francisco de Paula

Mestra e Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale

Quando se fala em educação patrimonial a palavra “habitar” assume uma concepção ainda mais significativa do que simplesmente ocupar ou morar em um lugar. Por meio do envolvimento da comunidade com seus bens culturais é possível capacitar os habitantes de um local para que identifiquem, compreendam, respeitem e preservem o patrimônio cultural do lugar que ocupam. E, dessa forma, habitar o lugar onde moram de maneira mais plena e com mais significado.

Esse processo não é uma jornada simples e rápida. Afinal, não há uma receita pronta capaz de promover a conscientização das pessoas em relação à importância individual e coletiva do patrimônio cultural em suas vidas. Vários são os caminhos possíveis para que uma comunidade se aproprie da sua herança cultural e, dessa forma, possa realizar a gestão do seu patrimônio.

Recentemente, São Francisco de Paula embarcou nessa caminhada de olhar de forma sistematizada para a sua cultura com olhos de quem valoriza e cuida daquilo que caracteriza e distingue o município. Evidentemente, esse movimento não aconteceu da noite para o dia. E tampouco se pode dizer que o interesse pelo patrimônio cultural é algo que não existia anteriormente. No entanto, é novidade a organização e a continuidade intensivas com que se trabalha com essa perspectiva nos últimos tempos.

O presente livro tem como centralidade a realização das rodas de memória em locais expressivos da história coletiva dos habitantes de São Chico. Entretanto, cabe ressaltar que, antes de chegar à realização desses encontros recheados de lembranças, houve um trabalho inicial que repercutiu em ações que levaram a esse relato do que foi feito no Projeto Memórias de São Francisco de Paula.

O movimento de realização do Inventário do Patrimônio Cultural do município foi o estopim para uma sequência de atividades que, em última instância, estão intimamente ligados à ideia de educação patrimonial. A reunião de uma comissão local responsável pela localização, identificação e levantamento histórico e arquitetônico dos bens culturais edificados do município foi o início oficial da sistematização da inserção da questão patrimonial na agenda de temas fundamentais para São Chico. Essa equipe está vinculada à Coordenação de Cultura, da Secretaria Municipal de Turismo, Cultura e Desporto, sob a orientação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado [IPHAE]. A partir daí, falar sobre o patrimônio cultural passou a ser uma atitude recorrente em diversas atividades promovidas entre os moradores.

O trabalho de registro dos bens culturais edificados de São Francisco de Paula oportunizou o contato de gestores e de técnicos com um universo de histórias e de imagens que comumente não estão disponíveis para o acesso da comunidade como um todo. Nesse sentido, é inegável a importância do processo de rastreamento dos bens culturais para que se chegasse ao projeto que personifica a edição deste livro.

Dito isso, voltamos, especificamente, à questão da educação patrimonial.

As memórias pertencem aos indivíduos que as cultivam. Não é preciso construir memórias. Elas existem e estão nos mais diferentes lugares e modos de viver de uma população. Os bens culturais, em sua maioria, também já estão postos e estão materializados em construções, monumentos, fazeres e hábitos que são partilhados por quem habita um espaço. Educar para a questão patrimonial diz respeito à ressignificar esses elementos e torná-los motivo de satisfação, proteção e de continuidade histórica. E para isso são necessárias ações que mobilizem a população para que percebam e entendam a importância dessa organização e preservação.

O entendimento sobre a importância do patrimônio cultural é peça fundamental para que, por exemplo, um lugar possa explorar seu potencial turístico, coisa que há muito tempo tem interessado boa parte da comunidade de São Francisco de Paula. Afinal, conhecer e valorizar o

que é seu pode ser um caminho promissor em direção às atividades que visam receber visitantes e projetar a região do ponto de vista turístico. O que um lugar tem de melhor é o que lhe faz ser diferente de outros lugares. E aí as heranças culturais têm papel de destaque.

Nesse sentido, o movimento em torno do inventário cultural do município, as rodas de memória em locais significativos, as ações de valorização do patrimônio junto às escolas, a divulgação das atividades e o engajamento da comunidade nas redes sociais são princípios fundamentais para que a população de São Francisco de Paula passe a enxergar a sua cultura e os seus bens como características dignas de serem reverenciadas. Não é um caminho fácil, certamente também não são ações que contam com o apoio unânime de todos os setores da comunidade. No entanto, do ponto de vista histórico e social é inegável que esse processo é importante e propicia o investimento numa área que garante a unidade e o enaltecimento do município e das pessoas que o habitam.

Cada lembrança registrada, cada fotografia divulgada e cada lugar conhecido e reconhecido passam a constituir a história de São Francisco de Paula e a fazer parte do cartão de visitas do município. Nas escolas, nos grupos de amigos, nos espaços culturais e nas redes sociais, São Chico passa a ter um conteúdo sistematizado e preparado para ser divulgado e para embasar a trajetória de valorização das heranças culturais que devem ser preservadas.

Que as edificações inventariadas até o presente momento sejam as primeiras de muitas a serem registradas e reconhecidas. Que as três rodas de memória que foram pioneiras inspirem outros tantos encontros com o objetivo de recordar. Que olhar para o passado e para os seus vestígios no presente seja motivo de orgulho e de empenho de crianças, jovens e adultos que residem em São Francisco de Paula. Que possam, assim, assumir o protagonismo da sua história, reconhecendo a si e aos outros como parte fundamental da composição desse lugar. E que caminhar pelas ruas do município seja cada vez mais um convite para conhecer, participar e divulgar os tesouros guardados nas memórias de São Chico.



Acesse as fichas do Sistema de Rastreamento Cultural - Bens Edificados que integram o projeto "Memórias de São Francisco de Paula".

A relevância histórico-cultural leva em consideração o significado do cenário a que cada bem edificado está condicionado, visto que pode ser fonte material da história e remeter às memórias coletivas de acontecimentos. Para valorizar o patrimônio de uma cidade, a população deve primeiramente conhecê-lo e sua preservação depende dos valores atribuídos a sua história.

O inventário se destaca como meio eficaz de preservação, pois além de levantamentos físicos, características construtivas, registros de particularidades e heranças culturais das edificações, destacando-as como referência à cultura, memória e identidade de uma comunidade, é capaz de conservar a memória coletiva, proporcionando o respeito e a valorização dos bens [Iphae, 2020].



Glossário

Se você chegou até aqui e quer saber mais sobre patrimônio cultural, separamos algumas palavras que podem trazer luz a este tema fascinante, tendo como fonte principal o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [Iphan], com a colaboração e revisão da arquiteta Renata Galbisnki Horowitz.

Arquitetura

Refere-se a toda construção e modelagem artificial do ambiente físico, incluindo seu processo de projeto e o produto deste, sendo a palavra também usada para definir os estilos e métodos das construções de uma época. Desde o Renascimento, a arquitetura é considerada uma das artes plásticas.

Ambiência

É o espaço organizado e animado que constitui um meio físico e, ao mesmo tempo, meio estético ou psicológico, especialmente preparado para o exercício de atividades humanas.

Para além da distribuição espacial material, a ambiência denota um estilo de vida e se liga à apropriação do espaço. Uma boa ambiência torna um lugar mais receptivo e propício ao convívio. A ambiência se apoia em aspectos subjetivos, variável entre as distintas culturas, e também a aspectos objetivos, como a luminosidade, a amplitude ou o clima do ambiente.

Bem cultural

Qualquer bem produzido pela cultura é, tecnicamente, um bem cultural, como obras arquitetônicas ou plásticas, literárias, musicais, conjuntos urbanos, sítios arqueológicos e manifestações folclóricas. Mas o termo, pela prática, acabou se aplicando mais aos bens culturais escolhidos para preservação – já que

não se pode e nem se deve preservar todos os bens culturais –, fazendo com que, no jargão patrimonial – e por força de convenções internacionais –, a locução bem cultural queira se referir ao bem cultural protegido [CARSALADE, 2016, p. 14].

Bem cultural material

É algo que se pode tocar, representado por bens móveis ou imóveis.

Bem cultural móvel

São coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos. Bem cultural imóvel – São cidades históricas, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais, como as edificações em geral.

Bem cultural imaterial

O Decreto 3.551, de 2000, instituiu no Brasil o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial e reconheceu que o campo cultural diz respeito à totalidade da vida social e, como tal, é preciso considerar que as expressões culturais que fazem referência a identidades, tal como essas se redefinem no dia a dia, não devem ser tratadas como algo cristalizado. São eles: saberes, ofícios e modos de fazer, celebrações, formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas, e lugares como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas.

Biodeterioração

É o ataque de agentes biológicos a acervos culturais, produzindo danos muitas vezes irreversíveis. A biodegradação é problema frequente em arquivos, bibliotecas e museus, quando provocam alterações físico-químicas, mecânicas e estéticas nos materiais, sendo necessária a aplicação de tratamentos muitas vezes drásticos para sua eliminação e controle, com sequelas graves. Atualmente há uma preocupação em preservar os monumentos, uma vez que esses são heranças culturais da humanidade e neles estão representados o momento social, político e cultural em que seu idealizador viveu e os traços desse artista.

Centro Cultural

É um espaço arquitetônico destinado à apresentação de manifestações culturais das mais diversas modalidades, entre elas as artes visuais, música, artes cênicas, como a dança e o teatro, entre outras áreas culturais.

Centro Histórico

Núcleo antigo formador da cidade.

Centro Urbano

Entende-se por centro urbano a região mais ativa de uma cidade, onde se concentra a atividade comercial e financeira.

Conservação

São princípios e técnicas que buscam a utilização racional dos bens culturais, ou seja, a proteção em uma perspectiva de sustentabilidade, que permite seu uso, mas garante a sua manutenção. A conservação do bem se concentra no cuidado com o bom estado, sem excluir o uso humano.

Diversidade cultural

É um conceito criado para compreender os processos de diferenciação entre as várias culturas que existem ao redor do mundo.

As múltiplas culturas formam a chamada identidade cultural dos indivíduos ou de uma sociedade; uma “marca” que personaliza e diferencia os membros de determinado lugar do restante da população mundial.

Educação patrimonial São todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o patrimônio cultural, usados como recurso para a compreensão das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, valorização e preservação. São ações que visam difundir o conhecimento sobre o patrimônio em conjunto com a comunidade por meio da apropriação.

Entorno

O entorno é a área de projeção localizada na vizinhança

dos imóveis tombados, que é delimitada para preservar a ambiência do bem tombado e impedir que novos elementos obstruam ou reduzam sua visibilidade. Para delimitá-la são observados aspectos como distância, perspectiva, altura, harmonia, integração e volume.

Identidade cultural

O termo identidade se relaciona com a concepção que o indivíduo tem de si mesmo e do seu pertencimento e sua afiliação a grupos. É consenso nas ciências sociais pensar que nem o indivíduo se constitui alheio a seu contexto social e nem a sociedade é um todo exterior e alheio às especificidades das trajetórias individuais.

Inventário cultural

Os Inventários são instrumentos de preservação que buscam identificar as diversas manifestações culturais e bens de interesse de preservação, de natureza imaterial e material.

O principal objetivo é compor um banco de dados que possibilite a valorização e salvaguarda, planejamento e pesquisa, conhecimento de potencialidades e educação patrimonial.

Paisagem Cultural

Chancela instituída por meio da Portaria Iphan No. 127/2009 reconhece a importância cultural de porções peculiares do território nacional, representativas do processo

de interação do homem com o meio natural, ao qual a vida e a ciência humana imprimiram marcas ou atribuíram valores. Pressupõe o estabelecimento de um pacto entre o poder público, a sociedade civil e a iniciativa privada, visando a gestão compartilhada da porção do território nacional assim reconhecida.

Patrimônio Cultural

São bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;
II - os modos de criar, fazer e viver;
III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;
IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;
V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico [Constituição de 1988, Artigo 216].

Patrimônio material

Conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza, conforme os quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas.

Preservação

É um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a integridade de bens. Inicia com a atribuição de valor a determinados objetos, obras da natureza, paisagens, saberes e práticas e se completa com ações concretas que visam mantê-los ou lhes dar continuidade.

Restauração

Atividades que visam restabelecer danos decorrentes do tempo em, por exemplo, edificações. O restauro atual tende a preservar ao máximo a integridade de peças e edifícios históricos, sempre e quando eles têm um valor artístico e cultural. Por suas características particulares, um projeto de restauro e/ou intervenção é mais detalhado, requer profissionais especializados, pesquisa histórica refinada e um cuidado com patologias, danos e a manutenção do material original quando possível.

Registro de Bens Culturais

Instrumento legal de proteção, preservação, reconhecimento e valorização de bens culturais de Natureza Imaterial. Foi instituído pelo Decreto nº 3.551, de 04 de agosto de 2000. Para ser registrado, um bem passa por um

processo administrativo, até ser inscrito em pelo menos um dos quatro Livros de Registro instituídos pelo Decreto: Livro de Registro dos Saberes, Livro de Registro das Celebrações, Livro de Registro das Formas de Expressão, Livro de Registro dos Lugares.

Roda de Memória

Também chamada de roda de conversa, é utilizada como método nas práticas para História Oral que buscam, por meio da tradição falada, incentivar que as pessoas [re]contem suas memórias em torno da história e da cultura local, bem como reflitam sobre suas trajetórias de vida.

Tombamento

É o mais antigo instrumento de proteção a bens culturais materiais. Foi instituído no país pelo Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, e proíbe a destruição de bens culturais tombados, colocando sob a vigilância do IPHAN. Para ser tombado, um bem passa por um processo administrativo, até ser inscrito em pelo menos um dos quatro Livros do Tombo instituídos pelo Decreto: Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico; Livro do Tombo Histórico; Livro do Tombo das Belas Artes; e Livro do Tombo das Artes Aplicadas. Estados e municípios também têm seus próprios livros do tombo e leis de proteção.

Turismo Cultural

Representa uma das mais amplas estratégias de desenvolvimento sustentável, já que há uma preocupação em aliar planejamento econômico e de infraestrutura à percepção da procura por bens culturais e estilos de vida, buscando preservar os recursos naturais e culturais para as gerações futuras e desenvolver a economia.

Crédito das fotos

Capa	© Rodrigo Alencastro
página 4	© Rodrigo Alencastro
página 9	© Lúcia Pires
página 10	© Luciano Alfonso
página 14	© Hotel reprodução arquivo família Basso
página 17	© Roda Rodrigo Alencastro
página 22	© Cristiano Carniel
página 23	© Rodrigo Alencastro
página 24	© Rodrigo Alencastro
página 27	© Lucas Pedruzzi
página 29	© Juliana Franzon
página 32	© Mateus Reis
página 35	© Divulgação, Cavalinho Branco
página 39	© Lúcia Pires
página 42	© Daiane Letícia Silveira da Silva
página 47	© Reprodução arquivo da Escola José de Alencar
página 48	© Lúcia Pires
página 51	© Lúcia Pires
página 53	© Lúcia Pires
página 55	© Lúcia Pires
página 59	© Lúcia Pires
página 61	© Lúcia Pires
página 63	© Lúcia Pires
página 64	© Letícia de Cássia
página 66	© Fernando Kluwe Dias
página 68	© Lúcia Pires
página 72	© Juliana Franzon
página 78	© Divulgação, Secretária de Turismo, Cultura e Desporto
Contracapa	© Dani Barcellos

© 2020, DOS ORGANIZADORES

O projeto **Memórias de São Francisco de Paula** é uma realização da Prefeitura de São Francisco de Paula, com recursos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul por meio do Pró-cultura RS FAC – Fundo de Apoio à Cultura

@memoriasdesaochico

Projeto Cultural: Memórias de São Francisco de Paula

Edição e Coordenação-geral
Lúcia Pires

Depoimentos e revisão
Lelei Teixeira

Produção das Rodas de Memória e apoio editorial
Gira Produção e Conteúdo

Produção Audiovisual do projeto [minidocumentários]
Reverber Produtora

Divulgação
Jussara Porto
Juliana Franzon

Foto de capa
Rodrigo Alencastro

Foto contracapa
Dani Barcellos

Projeto gráfico e impressão
Comunicação Impressa

Realização
Prefeitura de São Francisco de Paula | Secretaria de Turismo, Cultura e Desporto

Financiamento
Governo do Estado do Rio Grande do Sul, Pró-Cultura RS - Fundo de Apoio à Cultura

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação [CIP]

[Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil]

Memórias de São Francisco de Paula / organização Lúcia Pires, Lelei Teixeira;
-- 1. ed. -- São Francisco de Paula: Lucia Pires, 2020.

ISBN 978-65-00-12372-2

1. Memória cultural 2. São Francisco de Paula [RS] - Descrição 3. São Francisco de Paula [RS] - História 4. Patrimônio cultural I. Pires, Lúcia. II. Teixeira, Lelei.

20-49211

CDD-363.69

Índices para catálogo sistemático:

1. Patrimônio cultural : Memória e preservação 363.69

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-65-00-12372-2





Agradecimentos

Ao prefeito Marcos Aguzzoli, por acreditar neste projeto desde o primeiro momento.

Ao secretário Rafael Castello Costa e servidores da prefeitura de São Francisco de Paula, Cristhie Lenz, Paula de Castilhos Lopes e Cláudia Duarte, integrantes da equipe principal deste projeto.

Ao historiador Nathan Camilo e toda equipe voluntária que desde 2017 constrói o Inventário Histórico Cultural de São Francisco de Paula.

Ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado, pelo apoio e incentivo.

Aos anfitriões: família Basso, de Cazuzza Ferreira, Henrique e Michele, do Hotel Cavalinho Branco, e Mírian Paiva, diretora do Colégio José de Alencar.

Aos parceiros Lelei Teixeira, Luciano Alfonso, Kixi Dalzotto, Mirza Reverbel, Rodrigo Alencastro, Juliana Franzon, Jussara Porto e Vitor Mesquita.

À comunidade de São Francisco de Paula, pela participação presencial e online.

E a todos que de alguma forma ajudaram na execução deste projeto de Educação Patrimonial.



REALIZAÇÃO

VIVA 
SÃO CHICO
PREFEITURA MUNICIPAL DE
SÃO FRANCISCO DE PAULA

FINANCIAMENTO

PRO
cultura


GOVERNO DO ESTADO
RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DA CULTURA